

...em tempo de máscaras arrancadas



Neste número:

Usinas geradoras de monstros
Família 3 recados
Guerra e ética
Bingo, a praga
O ensino religioso
Ecstasy, a viagem sem retorno
Na hora escura do amanhecer
Sentimentos e emoções
Golpes e mais golpes
Propostas para uma nova educação
Receita para milagre
Favelas crescem, desemprego também
Gente boa
Escolha seu tempo
Cidadania
A pedagogia de Jesus
O riso é próprio do humano
Moisés, o servidor de Deus
Bate-papo
Como falar da cruz de Cristo
Metodologia participativa
TV, escola e família
Conflito de gerações

Conversando com o leitor

Este número da sua revista, caro leitor, está sendo editado num tempo de perplexidades, no Brasil e no mundo.

Terrorismo, crises ética e econômica, radicalismos étnicos e religiosos, a mentira gerando guerras...

É tempo, portanto, de reagir a tantos desvios e realimentar a nossa esperança. O alimento dessa esperança, que o cristão não tem o direito de perder, é a indignação ativa e a ação comprometida com a humanização. Porque reverter esse quadro negativo, que a mídia exacerba, depende de cada um, também de você, amigo leitor.

Na verdade, quase ausente e ignorado pelos meios de comunicação que adoram o erro e a tragédia, o Reino de Deus vai-se construindo discretamente, pela ação persistente do amor-serviço aos outros, compromisso de cada cristão e de cada pessoa de boa vontade e sensibilidade social. Como você, amável leitor. A sua revista procura alimentar a indignação ética frente às injustiças e à violência de todo tipo, mas, ao mesmo tempo, apontar caminhos de transformação ao alcance de cada um. Esperamos que a leitura deste número sirva a esta intenção, amigo leitor.

H. & S.A.

Movimento Familiar Cristão Conselho Diretor Nacional

Maria Sebastiana (Sebá) Leão
J. Geraldo e Ma. do Carmo Silva
Mainá e Mara Souza
Veridiano e Ivonete Borges
Tales e Ma. Thereza Silva
C. Alberto e Ma. Nilza Mendes
João e Eliana Prior
Geraldo Rizzo e Ineuza Bomeisel
Maria Aparecida Eduardo
Elias e Hermínia Mariano
Mariza Leão
Luiz Carlos e Rita Martins

Equipe de Redação

Beatriz Reis
Helio e Selma Amorim
R. Des. Saul Gusmão 80 - VIII
22641-280 Rio de Janeiro - RJ
E-mail: amorim@ibpinet.com.br

Distribuidora Fato e Razão

Atendimento Assinaturas
Rua S. João, 25 - sobreloja
24020-040 Niterói - RJ
Tel/fax (21) 2629-7163
E-mail: fatorazao@primyl..com.br

Livraria do MFC

Pedidos de Publicações MFC
Rua Barão de Santa Helena, 68
36010-520 Juiz de Fora - MG
Tel. (32) 3214-2952
E-mail: livraria.mfc@acessa.com

Agência Promoção de Vendas

Sede MFC: Rua Goiás, 132
20756-120 Rio de Janeiro-RJ
E-mail: amorim@ibpinet.com.br

Fotolitos e impressão

Primyl Artes Gráficas
Rua S. João, 25 - slj
24020-040 Niterói - RJ
Tels. (21) 2722-3776 2621-5278
Fax (21) 2722-3777

Capa

Cena de baile de máscaras do musical Pippin, Teatro Bloch

Sumário

Usinas geradoras de monstros, 2

Editorial

Família 3 recados, 5

Deonira Vigañó La Rosa

Guerra e ética, 9 - Leonardo Boff

Bingo, a praga, 11

Equipe de redação

O ensino religioso, 13

Ecstasy, a viagem sem retorno, 14

Jorge La Rosa

Drogas: para pais e professores, 16

Bruno Edgar Reis

Na hora escura do amanhecer, 18

Pedro Casaldáliga

Sentimentos e emoções, 22 - Frei Betto

Golpes e mais golpes, 24

Propostas para uma nova educação, 28

Marcelo Barros

Um mosteiro de portas abertas, 30

Poema, 33 - Beatriz Reis

Receita para milagre, 34 - Rubem Alves

Humoristas, 37

Favelas crescem, desemprego também, 38

Helio e Selma Amorim

Gente boa, 42 - Leonardo Boff

Escolha seu tempo, 44 - Marcos Rolim

Cidadania, 46 - Solange Castellano Monteiro

Foto, fato, razão, 49

A pedagogia de Jesus, 50 - Antonio Allgayer

Não fique tão sério, 52

O riso é próprio do humano, 56

Ivone Gebara

Livros, 61

Moisés, o servidor de Deus, 62

Faustino Teixeira

Bate-papo, 65

Como falar da cruz de Cristo, 66

Marcelo Barros

Metodologia participativa, 68

Magda Hita, Deonira La Rosa e Equipe

TV, escola e família, 72

Margot Bertoluci Ott e Vera Regina Pires

Moraes

Conflito de gerações, 74 - Maria Regina Sana

Celebração do Batismo, 76

Uma informação, por favor, 78

Data desta edição: abril 2004.

Usinas geradoras de monstros

Têm vários nomes: prisão, presídio, penitenciária, cadeia, xadrez. São habitadas por pessoas geralmente pobres, que não podem pagar advogados caros. Alguns ricos são flagrados em crimes de colarinho branco, mas têm curso superior, merecem prisão especial, saem depressa do desconforto por habeas corpus, sentenças camaradas e... caras, como agora sabemos.

Esses juizes e delegados, doleiros e escroques apanhados pela Operação Anaconda já andam conhecendo esses abrigos desconfortáveis, mas... por quanto tempo ficarão mesmo detidos, até que algum artifício judicial bem urdido os coloque na rua? Vamos conferir.

Para esses, uma prisãozinha especial pode ser até educativa e, quem sabe, o incômodo os motive a nos devolver alguma parte do roubo. Serve também para deixar nervosos os ladrões de alto coturno ainda não apanhados por alguma outra operação que talvez esteja avançando em surdina, como essa rocambolesca e bem sucedida Anaconda.

O que nos aflige são os outros. Os que foram parar em celas apinhadas porque roubaram pouco ou "desacataram a autoridade". São pés-de-chinelo que vão mofar por muito tempo em cubículos infectos. Podem ter amargado sessões de pau-de-arara e chutes na barriga para "confessar" o roubo do rolex do moço rico.

O ódio vai crescer. O convívio na disputa de espaço para dormir com "colegas" mais experientes, reincidentes, é brutal. Agressões, estupros, sob a lei do mais forte.

Quem pode suportar esse mundo-cão sem se brutalizar e odiar tudo e todos, nada mais desejando que sair e vingar-se por cada vilania sofrida.

Ora, direis, quem entra pela primeira vez, geralmente fez algo que não devia. Às vezes não, dizemos nós. Apenas algum policial não foi com a sua cara ou não gostou de como o infeliz olhou para sua namorada. Os jornais nos contam essas coisas.

Mas, digamos que quem está lá fez algo errado, mesmo. Se já é um produto dessa usina de monstros, foi preso e maltratado algumas vezes e o ódio acumulado em cada novo episódio se tornou incontrolável, o personagem passa a ser uma ameaça se andar pelas ruas. É, por certo, um produto desse sistema desumanizante. Torna-se um desafio para os especialistas que estudaram para assumir a missão de tudo fazer para recuperá-lo, depois do tempo perdido e do leite derramado. Até a sua sempre

possível reintegração futura à sociedade, sem ódio assassino, a periculosidade dominada.

Digamos, por outro lado, que se trata de alguém que perdeu a cabeça e, pela primeira vez, fez o que a lei não permite. Foi apanhado. Tem que ser punido. Mas é perfeitamente recuperável, se o tratamento for severo mas humano. Terá condições de refletir e descobrir que não vale a pena esse caminho.

O problema é que, sendo pobre, vai ser metido no xadrez da delegacia, onde já estão 36 na jaula projetada para 10 presos, no Rio 40º. É a primeira etapa da usinagem que vai produzir o monstro futuro. As etapas seguintes darão o acabamento primoroso do bandido de amanhã.



O jovem que vira bandido vai custar, no futuro, infinitamente mais caro que o custo da sua recuperação no tempo certo.

que aqui se escreve é a pura realidade que todos conhecem, embora não queiram conhecer: "não me falem dessas coisas"... ou "afinal, são bandidos, mesmo".

Fugas espertas para dormir tranqüilo. As "pessoas de bem" têm seus pudores. Não querem saber dessas coisas desagradáveis: "o que quer que eu faça?". Não percebem que nessas usinas de ódio estão sendo gerados os que as assaltarão com requintes de maldade. Agirão assim porque movidos pela revolta contra todos os que fazem parte do mundo do privilégio, protegido pela polícia que os maltratou e pela justiça que permitiu a sua degradação humana nos calabouços da cidade.

Tudo isto está aqui colocado como longo preâmbulo de uma breve conclusão: não tem sentido rebaixar para 16 anos a idade de responsabilidade penal. O adolescente dessa idade tem enormes chances de recuperação se não colocado na usina que vai transformá-lo em monstro. Vale a pena investir, custe o que custar, na sua recuperação. "Custa dinheiro que não temos", dirá a

- ❖ ONGs, Movimentos de Igreja, Associações e outras organizações filantrópicas, podem oferecer aos juizes das varas criminais da sua cidade vagas para a prestação de serviços comunitários de condenados que, por terem praticado faltas leves, tiveram a oportunidade de trocar a prisão por penas alternativas.

O pior das consequências é que sempre acontecem depois".
(Conselheiro Acácio, o sábio do óbvio).

"Nem todo aquele que te tira do buraco é teu amigo". (Saddam Hussein)

autoridade. Mas não é despesa, é investimento.

O jovem que vira bandido vai custar, no futuro, infinitamente mais caro que o custo da sua recuperação no tempo certo. Os especialistas existem para isso. Há formas inteligentes de reeducação, o uso de penas alternativas-educativas, o acompanhamento profissional ao delinquente iniciante e às suas famílias. Tudo menos o xadrez da delegacia ou o presídio comandado por comandos criminosos que, depois dos maus tratos e do ódio cultivado, vão cooptá-lo para a profissionalização na bandidagem organizada.

Salvem os meninos que saíram dos trilhos da travessia segura da vida porque deixamos o manobreiro da ferrovia desviá-lo para o ramal errado. Se é que, sem saber, não fomos nós mesmos os manobreiros.

FAMÍLIA 3 RECADOS

Deonira L. Viganó La Rosa*

JOGO DE PODER?

As relações entre marido, mulher, filhos, como as relações humanas em geral, costumam estar mais ou menos embaralhadas com o "jogo do poder". Uma atitude ou um comportamento que aparentam suave proteção ao marido, à mulher, aos filhos e amigos, na verdade podem ser a expressão de um forte desejo de mandar. Podem querer provar que aquele sujeito se acha o único capaz de controlar aquela família ou grupo.

Repetidas vezes, a briga entre marido e mulher aparenta ser por um motivo fútil qualquer, mas na verdade ela tem a função de proclamar quem entre os dois é o que manda e/ou o que sabe, quem é o verdadeiro dono do dinheiro, quem é o que tem bom gosto, quem é o melhor.

E mais, ela tem a finalidade de comunicar ao outro que vá perdendo as esperanças, porque esse poder não está para ser partilhado.

Por exemplo, um casal está discutindo, e até se ofendendo, porque a mulher diz que a quantidade de cloro na água de sua cidade é X , e o marido diz que é $X+3$. Depois de muito discutir, o marido resolve telefonar para um órgão oficial e se intira de que o cloro está em $X+3$, portanto sua informação está correta. A mulher, pensativa, contra ataca: "Ah, ah, li tempos atrás que a fórmula estava para ser alterada. Certamente isso aconteceu ontem ou hoje".

Que podemos perceber? - Que a mulher não estava interessada na proporção do cloro na água, tampouco ela lutava por uma água saudável. Queria era provar ao marido que *ela não se engana*. Subliminarmente, mesmo chegando ao ridículo, ela assegura ao seu homem que é *ela quem controla o saber*.

Em outra ocasião, "a mulher diz que prefere o carro branco, o homem compra o verde; ela diz que gostaria que ele pusesse sua roupa na prateleira, ele a põe na gaveta; ela diz que gosta de

frango, ele compra costela de gado; está com calor, ele fecha a janela"... O jogo desse casal não parece perseguir harmonia, ordem, bom gosto, sabores, saúde,... Antes, para o marido, a distribuição dessas cartas tem a função de dar um aviso à sua mulher: "Quem manda nessa casa sou eu e não se atreva a participar desse poder".

Nessa questão, é fundamental que o casal aprenda a analisar suas comunicações. Muito bom que se pergunte: O verdadeiro motivo de nossa discussão é a pasta de dentes? O carro? O roteiro da viagem? A saída com os amigos? O atraso em casa? O local onde colocar os livros?... Ou, serão esses, inocentes instrumentos para que um de nós confirme ser o dono da verdade, aquele que manda, aquele que sabe, aquele que mais ganha? Aquele que não quer dividir o poder? **Poder é serviço** (Mc 10, 41-46; Jo 13, 1-17).

PAIXÃO E FANTASIAS

Tratava-se de um encontro de casais, desses que têm a pura intenção de ajudar maridos/mulheres, noivos/noivas, a melhorar seu relacionamento cotidiano e a crescer na fé e na prática de seu cristianismo, segundo os ensinamentos da Igreja.

O palestrante falava de Sacramento do Matrimônio e de sexualidade. Distraída e cansada, num horário difícil, minha amiga mal ouvia sua voz quando, de súbito, suas palavras a despertaram: "Cuidado com a

imaginação e a fantasia. Muitas vezes, o diabo se traveste de mulher, loura e bonita, para tentar o homem à infidelidade e acabar com o casamento". Sem sombra de dúvida, ela ouvira e havia entendido.

Intrigada com o relato de minha amiga e assustada com a leitura que eu fizera de um texto sobre Amor (provindo de grupos de Igreja), onde se lê que a paixão é uma forma "infantil"(!) e sentimentalista de amor, passei a semana questionando. A certeza de que o palestrante e o autor do texto se expressaram com reta intenção, não me calou a consciência.

E, passo seguinte, ocorreu-me socializar aqui algumas reflexões e indagações: Em pleno século XXI, quando mal estamos atingindo a valorização da mulher, não parece essa afirmação recheada de grave preconceito e discriminação? Por que seria a *mulher* - loura e bonita - o diabo travestido? E por que a imaginação ou a fantasia seriam destruidoras do casamento? A fantasia que convida para outras mulheres bonitas (homens bonitos) não é incompatível com a fidelidade e com o respeito ao cônjuge e difere da *decisão de assentir a essa fantasia*. Ao contrário, grande é a colaboração que as fantasias podem trazer ao melhoramento das relações maritais. Por que negá-las? Execrá-las?

Está bem que no século XIII os teólogos tenham expulsado do casamento qualquer tipo de amor



Uma visão dualista platônica infiltrada no cristianismo levava a perceber como menos nobre, todo prazer buscado no próprio corpo, ou atingido através do corpo do outro, numa relação amorosa e respeitosa. Hoje está exorcizado esse dualismo pagão.

paixão, reduzindo o amor à devoção e à caridade.

No século XXI, com a compreensão que a ciência e a evolução nos trouxeram, seremos motivo de chacota se perseverarmos em conceitos arcaicos. Nossa evangelização, ao invés de intermediar Jesus Cristo, servirá para jogar jovens e adultos longe dele e contra a Igreja.

A compreensão de que só o que é sagrado é de Deus leva à dicotomização entre corpo e espírito, entre fé e vida, oração e ação. Leva a repudiar, ou a perceber como menos nobre, todo prazer buscado no próprio corpo,

ou atingido através do corpo do outro, numa relação amorosa e respeitosa. Faz nascer a incapacidade de viver um ato natural e humano como sendo, por si só, um ato de culto, um ato espiritual, sem necessidade de exorcizações ou bênçãos, para que se torne agradável a Deus.

❖ A propósito, o moralismo seria caminho para ajudar alguém a se aproximar de Jesus Cristo, a manter seu casamento?

CASAL COMPROMETIDO?

É provável que alguma vez você já tenha afirmado que não consegue a adesão de seu companheiro ou de sua companheira para a prática do diálogo, para a tarefa de educar os filhos, para a vida da religião ou para o trabalho comunitário. Enfim, você constatou que seu par não é alguém tão "comprometido" como você gostaria que fosse.

- *Você se acha responsável por tornar o outro mais comprometido? Será que algum dia você já se perguntou o que significa "ser comprometido"?*

Compromisso nunca pode ser um ato unilateral onde aquele que se compromete é o *sujeito ativo* de seu compromisso e o *outro* é o *objeto passivo* sobre o qual incide o ato de compromisso.

Comprometer-se implica necessariamente considerar o outro como "sujeito", isto é, jamais ele poderá ser tomado como um "objeto", como se fosse uma caixa dentro da qual eu, comprometido, vou colocar a semente do compromisso. Compromisso é um caminho de duas mãos, em cujas pontas estão dois "sujeitos", dignos de igual respeito e iniciativa. O compromisso se dá quando estes dois *sujeitos* promovem juntos uma ação que os levará à transformação.

O verdadeiro compromisso é a *solidariedade* com aquelas pessoas que em situação concreta estão convertidas em coisa, isto é,

não são reconhecidas como pessoas. Quando um casal, ou qualquer pessoa, se diz "neutro" e se nega a comprometer-se com a humanização dos outros e com a transformação social, nada mais está fazendo do que firmar compromisso com a desumanização. Porém, desumanizar os outros resulta em desumanização própria. Manter-se "neutro" significa alienar-se do compromisso de humanizar, vivendo um individualismo que prejudica o coletivo e o comunitário. Nesse sentido, é preocupante o resultado de análises sócio/psicológicas que constatam um crescente individualismo na sociedade atual.

Na prática, desumanizar significa negar-se a lutar para que todo ser humano tenha afeto, comida, direito à iniciativa, à alfabetização. Por vezes, quem está sendo desumanizado é o marido, a mulher, o filho, o diferente, o mendigo, o fiel da Igreja, o aluno de catequese, de matemática, o colega de serviço. Por que? Porque pensamos que nosso compromisso com eles é "ensinar-lhes", "educá-los", "evangelizá-los", "mudá-los" e esquecemos que eles, igualmente, estão encarregados de, *no mesmo ato*, nos evangelizar, nos educar, nos ensinar, nos dar afeto. Esquecemos que o *caminho do compromisso tem dois sentidos* e que ser comprometido é aceitar e permitir essa *reciprocidade*.

* Terapeuta de Casal e de Família. Mestre em Psicologia - jordeon@orion.ufrgs.br

Leonardo Boff *

Guerra e Ética

Toda guerra é perversa porque viola o mandamento da ética natural de "não matarás". Mas há problemas: se um país é agredido por outro, que fazer? Tem direito de se defender por força defensiva? Como devem se comportar os governantes dos povos que assistem à limpeza étnica de minorias por parte de ditadores sanguinários que ainda violam sistematicamente direitos humanos, eliminando seus opositores?

Vale alegar o princípio da não intervenção em assuntos internos de estados soberanos e assistir, passivos, a crimes contra a humanidade? Como reagir ao fenômeno difuso do terrorismo que pode utilizar armas de extermínio em massa e vitimar milhares de inocentes? Contra isso é legítima uma guerra preventiva?

São questões éticas que ocupam mentes e corações nos dias atuais. Para não desesperar temos que pensar. No mundo inteiro, dada a estratégia dos EUA de usar a força para fazer valer seus interesses globais, gerou-se um debate extremamente sério.

Sobressaem várias posições. Um grupo numeroso sustenta a tese: dada a capacidade devastadora da

guerra moderna que pode até comprometer o futuro da espécie e toda a biosfera, não há mais nenhuma guerra justa (*ius ad bellum*).

Outro grupo afirma: pode haver guerra justa, a "intervenção humanitária", mas limitada para impedir o etnocídio e crimes de lesa-humanidade. Outro grupo, representando o *stablishment* global, reafirma: há que se resgatar a guerra justa como auto-defesa, como punição de países do "eixo do mal" e como prevenção de ataques com armas de destruição em massa.

Façamos um juízo ético sobre estas posições: nas condições atuais toda guerra representa altíssimo risco, pois dispomos da máquina de morte, capaz de destruir a humanidade e a biosfera. A guerra é meio injusto.

Dentro de uma política realista, uma "intervenção humanitária"

limitada é teoricamente justificável, sob duas condições: não pode ser decidida por um país singular, mas pela comunidade das nações (ONU) e deve respeitar dois princípios básicos (*ius in bello*): a imunidade da população civil e a adequação dos meios (não podem causar mais danos que benefícios). A força empregada como auto-defesa não a torna boa, mas se justifica dentro da estrita adequação dos meios. A guerra de punição, como contra o Afeganistão, se baseia na vingança e não é defensável. Só alimenta raiva, caldo de futuros conflitos. A guerra preventiva, contra o Iraque, é ilegítima porque se baseia sobre o que ainda não é e pode não acontecer. Nenhum direito, de qualquer natureza, lhe concede legitimidade por ser subjetiva e arbitrária.

Tudo isso vale teoricamente, pois importaclarear posições.

Praticamente porém, se mostrou que todas as guerras, mesmo a de "intervenção humanitária" não observam os dois critérios, da imunidade da população civil e da adequação dos meios. Não se faz distinção entre combatentes e não combatentes. Para enfraquecer o inimigo se destrói sua infra-estrutura, com muitas mortes de inocentes (98%). As consequências da guerra perduram por anos e até por séculos como no caso do urânio empobrecido. A guerra não é solução para nenhum problema. Devemos buscar um novo paradigma, à luz de Gandhi e de Luther King Jr, se não quisermos nos destruir: a paz como meta e como método. Se queres a paz, prepara a paz.

Professor emérito de ética da UERJ e autor de *A oração de São Francisco, uma mensagem de paz para o mundo atual*, Sextante, Rio 1999.

ÁLCOOL E DROGAS: EM CASO DE NECESSIDADE, BUSQUE AJUDA GRATUITA DOS GRUPOS ANÔNIMOS NA INTERNET

AL-ANON: A ajuda dos familiares do alcoólico

--- <http://www.al-anon.org.br>

DEPRESSÃO: A ajuda dos neuróticos anônimos

--- <http://www.neuroticosanonimos.org.br>

ÁLCOOL: A ajuda dos alcoólicos anônimos

--- <http://www.alcoolicosanonimos.org.br>

DROGAS: A ajuda dos narcóticos anônimos

--- <http://www.na.org.br>

Bingos podem servir à lavagem de dinheiro porque lidam com dinheiro vivo, impossível de ser rastreado

1- Cartelas: como não são numeradas, podem ser registradas em número menor do que a quantidade realmente vendida

2- Falsa perda: é possível simular a perda de milhares de reais em máquinas de caça-níqueis, pois não existe comprovação do jogo

3- Anonimato: os jogadores não são identificados

4- Laranjas: é possível dirigir resultados para que laranjas ganhem e justifiquem fortunas

5- Receita: é possível superestimar o faturamento para justificar a entrada de dinheiro sujo

6- Fiscalização: não existe fiscalização sistemática da atividade por falta de regulamentação

Fontes: Risk Solutions/Group e Kroll

A suspensão dos bingos tem efeito temporário, para que se estude a regulamentação dessa jogatina, conforme Projeto de Lei enviado pelo governo ao Congresso Nacional. O argumento é velho e insustentável: o jogo vai gerar dinheiro para programas sociais e esportes. Não deu certo com as leis Zico e Pelé porque, além dos efeitos colaterais perniciosos, é impossível o controle, por mais sofisticada que seja a parafernália eletrônica implantada e o batalhão de fiscais mobilizados.

BINGO a praga

que a Caixa Econômica Federal terá condições de fiscalizar os milhares de bingos e as mais de cem mil máquinas caça-níqueis já

em operação. São atividades indissociáveis das máfias nacionais e internacionais, a serviço da lavagem de dinheiro do crime organizado.

Lavam o dinheiro do tráfico, da prostituição, do contrabando, dos silveirinhos e dos grandes golpes financeiros.

O dinheiro farto que esses mafiosos acumulam rapidamente explorando o povo e desagregando famílias pelo vício, assegura a essas máfias (coreana, russa, chinesa, romana ou dos cachoeiras tupiniquins) um enorme potencial corruptor capaz de subornar qualquer fiscalização, como acontece mundo afora.

Campanhas eleitorais são bancadas por essas máfias, amaciando pruridos éticos de políticos. Assim, prosperam. Assistimos a ativação dos lobbies da jogatina. Dinheiro corre solto para corromper e comprar votos.

Também não faltam ameaças aos que se opõem à "legalização" desses cassinos que se escondem atrás do nome do inocente jogo de quermesses de igreja. Já há mortes anunciadas nessa guerra.

Faça sua parte. Seja criativo.



Os interesses em jogo são poderosos e envolvem bilhões de reais. Vale todo tipo de pressão, inclusive o argumento dos empregos gerados pela jogatina. Se fosse válido o argumento, deveria ser suspensa a repressão ao tráfico de drogas e à prostituição que, afinal, também geram empregos, até em escala maior que a dos cassinos.

O fato recente que gerou uma grave crise política comprova definitivamente: bingos e cassinos são atividades conexas com o crime organizado, e se sustentam com base na corrupção de fiscais e na cumplicidade de políticos financiados pelos que as exploram.

"A fé aproxima e as religiões dividem". Quatro mil anos de sucessivas e sangrentas guerras religiosas confirmam essa sentença.

No Brasil o diálogo inter-religioso avança, porque o brasileiro é tolerante e são raros os surtos fundamentalistas que provocam atritos desnecessários. Mas a diversidade de crenças é sempre uma fonte potencial de divisão e conflitos ou, pelo menos, de desconfiança e competição pelo proselitismo na disputa de seguidores.

O ensino religioso que será implantado nas escolas públicas pode ser um fator de tensão e divisão entre os alunos. Os alunos serão separados por crenças, com professores diferentes a ensinar conceitos, doutrinas, práticas religiosas e leituras divergentes, induzindo a discussões, desentendimentos e desencontros que a garotada não está madura para assimilar construtivamente, em forma de respeitoso e rico diálogo inter-religioso. Mais tarde, com mais idade, talvez sim.

A última coisa que poderíamos desejar é ver o surgimento da competição de cunho religioso começar nas escolas, com professores (in)conscientemente

O ensino religioso

Equipe de redação

disputando clientela. Os alunos podem ser levados ao ceticismo pelas contradições de ensinamentos convivendo no mesmo espaço, mas ocupando escaninhos separados, consolidando as divisões.

A palavra religião deriva de "religar", mas pode "desligar" e ser fator de divisão. O desafio para as escolas públicas seria descobrir a fórmula difícil de uma formação ecumênica para uma fé mais consciente, liberada dos inúmeros adereços confessionais, "reduzida" à sua essência humanizadora, à prática do amor efetivo. Fé capaz de iluminar as mentes e responder ao impulso de auto-transcendência colocado por Deus (qualquer que seja o nome pelo qual é invocado) no coração de cada pessoa humana. Fé que, em sua essência, seja, de fato, um fator de união e compromisso ético com a construção de um mundo mais justo e fraterno.

Seriam então esses adolescentes orientados a valorizar as práticas e opções religiosas da sua família e a respeitar as das outras famílias, compreendendo a sua importância como alimento de sua fé. Estariam, assim, preparados para o diálogo inter-religioso construtivo em sua vida adulta. Assim seja. O receio é de que assim não seja.

Ecstasy a viagem sem retorno

Jorge La Rosa*

O médico Drauzio Varella analisa, em artigo, os efeitos da droga ecstasy, que começou a ser utilizada nos campi das universidades norte-americanas e europeias nos anos 80. No Brasil, segundo informações, ela está sendo ingerida em escala não desprezível, especialmente nas festas, proporcionando fôlego para dançar a noite inteira e, se for o caso, na manhã seguinte.

Trata-se de uma metanfetamina conhecida pela sigla MDMA, que provoca euforia graças à liberação generosa de um neurotransmissor cerebral associado às sensações de prazer: a serotonina.

Efeitos da droga

Os efeitos da droga são múltiplos. Entre estes encontram-se o aumento da temperatura do corpo e uma sede irresistível, o que tem provocado inflação nos preços da água mineral praticados pelas boates do mundo inteiro. Em São Paulo, há lugares em que uma água mineral custa R\$ 10, enquanto em Nova York e Paris pode alcançar 7 ou 8 dólares.

Outro efeito também danoso é a degeneração dos neurônios

responsáveis pela produção da serotonina, o que obriga o usuário a aumentar significativamente as doses da droga para obter um efeito estimulador cada vez mais fraco e passageiro. Isso também explica os efeitos depressivos do "dia seguinte", já que a produção acelerada da serotonina, artificialmente provocada pelo ecstasy, na noite anterior, é seguida de exaustão bioquímica do sistema de produção desse neurotransmissor, ocasionando uma incapacidade de o usuário sentir os pequenos prazeres associados à rotina do dia-a-dia. É a explicação científica da depressão do "dia seguinte".

Mas há, ainda, um outro efeito sumamente destruidor, observado em estudos de pesquisadores da Universidade John Hopkins, de Baltimore. A droga também atua em um outro neurotransmissor, a dopamina, causando degeneração dos neurônios responsáveis pela sua produção, o que pode ocasionar precocemente o mal de Parkinson. A dopamina é o neurotransmissor associado ao controle motor, sem ele as pessoas passam a sofrer desse mal, com mãos trêmulas e outros sintomas.

MACONHA CAUSA MAIS DANOS AOS PULMÕES QUE O TABACO

A Fundação Britânica do Pulmão acaba de divulgar um estudo em que demonstra os danos causados pela maconha aos pulmões. Segundo o estudo, três cigarros de maconha por dia causam o mesmo mal aos pulmões que 20 cigarros comuns.

A queima da maconha e do tabaco levam as mesmas substâncias tóxicas para o tecido respiratório e em quantidades semelhantes. A principal diferença está na forma como a maconha é fumada.

De acordo com a pesquisa, a quantidade de fumaça que chega aos pulmões é dois terços maior quando se fuma maconha. A fumaça da maconha é inalada mais profundamente e é retida nos pulmões por, em média, quatro vezes mais tempo do que a fumaça do cigarro comum antes de ser expelida. Isso resulta em mais dióxido de carbono e alcatrão nos pulmões.

Compostos cancerígenos

A pesquisa ainda aponta que o alcatrão proveniente dos cigarros de maconha têm concentrações 50% mais altas de compostos cancerígenos do que o tabaco.

Além disso, o THC (substância encontrada na maconha e principal responsável pelo efeito alucinógeno da droga) prejudica o funcionamento das células do sistema imunológico que protegem os pulmões de infecções. O estudo mostra que a concentração de THC nos cigarros de maconha vem aumentando. Nos anos 60, a média era de 10 miligramas, e hoje pode chegar a 150.

O estudo mostra de modo inofensável os prejuízos decorrentes do uso da maconha como droga alucinógena. A droga, qualquer que ela seja, continua sendo uma droga, o que deve colocar os pais e educadores de sobreaviso a respeito de uma possível neutralidade da erva, como pretendem algumas pessoas, às quais faltam as devidas informações.

O sujeito, ao consumir ecstasy, entra também no corredor do mal de Parkinson.

A ação da droga se estende também às atividades cognitivas, efeito amplamente documentado: deficiência na atenção, perda de memória, dificuldades no aprendizado, sensação de alheamento e depressão crônica. No caso de uso abusivo da droga, a hipertemia (aumento da temperatura) pode ser tal que leva o sujeito à morte. Trata-se, portanto, de uma droga sumamente perigosa. Aliás, qual a droga que não tem efeitos devastadores no organismo humano?

Advertência

Os adolescentes que ainda não experimentaram o produto e os seus usuários devem ser alertados a respeito das consequências extremamente danosas e destruidoras de ecstasy.

Essa "viagem" pode ser uma viagem sem retorno.

*Terapeuta de Casal e Família. Doutor em Psicologia

Bruno Edgar Reis*

O problema das drogas aflige hoje genericamente a família e a escola, visto que a incidência do consumo se apresenta elevada e com tendência ao crescimento. Quase todas as escolas têm tido envolvimento com o problema e, mesmo não havendo uma perspectiva de reversão do quadro, não se pode ficar de braços cruzados quando os fatos acontecem.

O alvo dos traficantes

Um outro dado importante é que a população alvo a ser atingida pelos traficantes tende a atingir cada vez mais idades mais precoces. Nenhuma criança ou adolescente propriamente está livre do envolvimento com drogas. As causas são múltiplas, o perfil do drogado tem se modificado, e, mesmo crianças e adolescentes com um bom ambiente familiar não estão completamente livres de se envolverem com a droga. As drogas, de modo geral, têm poder de viciar o sujeito, isto é, com o seu uso regular acarreta uma compulsão irresistível de obter mais droga, a dosagem tende a crescer e o sujeito acaba se tornando dependente físico e psíquico da droga.

O caminho das drogas

Adolescentes e jovens adultos experimentam, freqüentemente, várias drogas, por curiosidade ou desejo de emoções fortes. Em alguns grupos sociais adolescentes, "experimentar" drogas é a norma e, nas cidades ou mesmo nas zonas rurais uma grande variedade de drogas é acessível até a crianças. Muitos indivíduos chegam às drogas mais violentas como a cocaína, através do uso de álcool, maconha ou outras drogas mais moderadas.

Dependência & Abstinência

Uma série de drogas viciadora (cocaína, heroína, morfina e codeína) produz efeitos drásticos sobre o funcionamento do corpo. Com o uso crescente, a tolerância à droga aumenta de tal maneira que o viciado precisa de dosagens cada vez maiores. O indivíduo contrai uma dependência fisiológica (assim como psicológica) da droga, e fica fisicamente doente quando não a ingere (usualmente, 5 a 12 horas depois da dose anterior). Se a droga for interrompida, seguem-se os sintomas de abstinência, os quais podem ser muito graves, segundo a menor ou maior extensão do vício,

a síndrome de abstinência manifesta-se primeiro como suores, agitação e um desejo crescente de obter a droga. Os sintomas tornam-se mais graves com o tempo e é possível que o paciente experimente arrepios, vômitos e diarréia.

Ocasionalmente, também sofrerá alucinações e delírios. Se a droga for administrada, os sintomas de abstinência desaparecem. Se a abstinência for mantida, os sintomas do paciente desaparecem em seis a oito dias. O indivíduo recupera o apetite e bebe doses normais de água, reduzindo a desidratação que ocorre durante a abstinência. Mas o indivíduo não deixou de ser doente; foram afastados os sintomas.

Além da dependência física pode se desenvolver a dependência psicológica, que consiste numa deterioração da personalidade. Os viciados em drogas experimentam uma perda de interesse e motivação pela maioria dos aspectos da vida (exceto a própria droga); a existência deles gravita, cada vez mais, em torno da obtenção de drogas. Muitos viciados recorrem a várias atividades criminosas para alimentar o seu vício.

Tratamento

O tratamento para o vício em drogas (o álcool inclusive) envolve, num primeiro momento, a desintoxicação ou remoção da droga. Durante esse período, precisam ser tratados os sintomas de abstinência. No caso de vício em drogas como a heroína, uma dose decrescente da droga ou uma droga sintética poderá ser

dada ao paciente para atenuar, com o tempo, a severidade dos seus sintomas de abstinência. O tratamento também inclui o fornecimento de uma dieta adequada - glicose, vitaminas, etc. - para repor o funcionamento corporal do indivíduo em seu estado normal. A fase mais importante do tratamento é o reajuste psicológico à sociedade, que é extremamente difícil de realizar - como se mostra pelos relatórios de que cerca de 90% dos pacientes voltam a viciar-se (algumas instituições têm conseguido resultados mais satisfatórios). Organizações como os Alcoólicos Anônimos utilizam antigos viciados como "terapeutas", que ajudam um grande número de viciados a manter-se livre de seu vício.

Considerações finais

Por fim, algumas considerações finais em torno do tema são importantes.

- 1º O uso ocasional da droga não torna o indivíduo viciado.
- 2º Alguns indicadores de risco são importantes para pais e professores no sentido de ficarem atentos: quando o adolescente faz uso sistemático de drogas em escalada, ou seja, começa fumando maconha, passa para a ingestão de comprimidos tranqüilizantes ou estimulantes e acaba utilizando-as por via injetável; quando o adolescente mostra frieza ou indiferença afetiva com o grupo familiar; e também quando não manifesta nenhuma consciência da inadequação da sua conduta

*Professor da PUCRS. Mestre em Educação. (Osório, 1989).

Passaram-se os primeiros anos do novo século XXI e o Mundo continua cruel e solidário, injusto e esperançado. Ainda há guerra e há império, e o império inventou a guerra preventiva. Ainda o Mundo se divide pelo menos em três: Primeiro, Terceiro e Quarto. A fome, a pobreza, a corrupção e a violência têm aumentado; mas aumentaram também a consciência, o protesto, a organização, a vontade explícita de alternatividade.

Na hora escura do amanhecer

Pedro Casaldáliga*

Aquele selo místico, que Rahner profetizara para este novo século, aparece sem dúvida, com muitos rostos, em confusão e em diálogo também. As Religiões são cada vez mais pluralismo religioso, e haverão de ser convivência e intercâmbio. A fé se refrata em mil nomes e mil buscas e a fé convivida fraternalmente será o grande suporte da esperança humana. Deus está à vista. À vista está Humanidade nova.



"Queremos uma outra Igreja também, sem "classes", sem centralismos, sem rixas denominacionais".

Existe um crescente, incontrolável, anseio de mudança. Em mensagens e fóruns e plataformas a consigna básica é: "Queremos outra coisa!"

Queremos um outro Mundo, porque um outro Mundo é possível, e necessário e urgente. Um Mundo uno, sem primeiros nem terceiros, sem impérios e sem genocídios, sem lucros sanguinários e sem exclusões desesperantes.

Queremos uma outra América, dizemos concretamente aqui: sem dominações e sem alcas, em fraterna União. Queremos uma outra Igreja também, sem "classes", sem centralismos, sem rixas denominacionais.

No Mundo esta vontade de mudança expressa-se no Fórum Social Mundial e nos fóruns

regionais. Em Nossa América, a mudança mais significativa chama-se agora Lula, com projeção de esperança para todo o Continente.

Na Igreja as inquietudes estão convergindo na proposta de um processo conciliar, que parecerá inoportuna a certos espíritos invencionistas, e que, entretanto, traduz mui eclesialmente a vontade multitudinária de ser e de fazer uma outra Igreja: mais ao lado dos pobres do Reino, mais inculturada, mais samaritana, mais sinodal, mais corresponsável, mais fraterna. Não é nenhuma inoportunidade sonhar com o Concílio Vaticano III ou com o México I o com um Bombaim bem asiático...

A verdade é que estamos cansados de dominação e de falta de transparência, nas diferentes

esferas públicas e nas secretas esferas pessoais.

Este nosso Mundo e este nosso pequeno coração, tão maus aparentemente, carregam um profundo peso de boa vontade, de sede de Verdade, de fome de Vida e de Deus.

Os signos dos tempos, apesar de tantos anti-signos, são até luminosos, esperançadores. Como diz o provérbio sefardita: "a hora mais escura é quando vai amanhecer..."

"Não nos despedimos. Seguiremos unidos"

Nesta Prelazia de São Félix do Araguaia, nossa adolescente Igreja particular, estamos também de mudança. Completei os 75 anos e, como é de rigor canônico, renunciei à mitra.

Nos últimos meses tivemos um período bastante fecundo de "transição", com as Assembléias regionais e a promulgação do Manual - objetivo, atitudes, normas, - que é referencial e guia da nossa caminhada.

Nesta hora e com esta breve circular, quero agradecer, em nome de todo o Povo da Prelazia e de

toda a Equipe Pastoral, a solidariedade, a colaboração, a presença, gratuita e incondicional, de tantas amizades e instituições que vêm nos acompanhado e possibilitando nossa missão e suas estruturas de serviço.

Em primeiríssimo lugar, recordamos evidentemente os/as agentes de pastoral que aqui suportaram "o peso do dia e do calor", e me suportaram a mim. A lista, de agentes e de amizades, é longa demais para citar nome por nome. Deus os tem todos escritos no Livro da Vida.

Algumas amizades e entidades vêm nos acompanhando desde a primeira hora e sobretudo nos acompanharam nas horas da repressão e da incompreensão. Eu sei que nossas amizades e essas entidades - vocês - continuarão sendo amizade, solidariedade, presença, para a Prelazia de São Félix do Araguaia. Somos já todos/todas gente de casa, empresa de família, uma parcela pequena, mas estimulante do Reino de Deus "entre o Araguaia e o Xingu, o Pará e o Travessão". Pessoalmente sinto-me como quem espera num ponto de ônibus, sem saber bem nem a hora nem o destino imediatos, sabendo, porém, que continuaremos em comunhão a humilde viagem humana para a Casa paterno-maternal.

O provérbio sefardita fala da luz do amanhecer; um provérbio universal diz que na hora do ocaso nenhuma luz ofusca... Faço meus nesta hora uns versos de "El hombre de la Mancha", que me traduzem

expressivamente:
"Sonhar mais um sonho impossível.
Lutar quando é fácil ceder.
Vencer o inimigo invencível.
Negar quando a regra é vender.

*Quantas guerras terei que vencer por um pouco de paz!
E amanhã, se esse chão que eu beiei,
for meu leito e perdão,
vou saber que valeu delirar e morrer de paixão!"*

*Carta de "despedida" e de agradecimento do Bispo de São Félix do Araguaia, Mato Grosso

E nesta hora, e em todas as horas, valha, sobretudo a consigna que as Irmãzinhas de Jesus nos recordaram, celebrando na Prelazia seus 50 anos de presença no meio do povo Tapirapé: "Gritar o Evangelho com a vida".

Não nos despedimos. Seguiremos unidos, na Paz militante do Reino.

Você tem direitos e não sabe

Qualquer pessoa que sofra de paralisia, câncer, lepra, AIDS e uma série de outras doenças incapacitantes, seja total, seja parcialmente, tem direitos a isenções de impostos, taxas, desconto no preço para compra de carros adaptados, passe livre em metrô e transporte coletivo, remédios gratuitos e outros benefícios.

Entre os direitos que podem ser requeridos estão:

- Aposentadoria integral (mesmo sem contar com o tempo necessário de contribuição ao INSS);
- Isenções de IR, CPMF, Contribuição Previdenciária, etc.;
- Se houver deficiência física: isenção de IPI, ICMS, IOF e IPVA (isenção vitalícia de IPVA) na compra de carro especial, ou "adaptado". O preço do carro, nesses casos, cai em 30%. (trinta por cento);
- Direito ao saque total de FGTS e fundos PIS ou PASEP;
- Direito da quitação de valor financiado (anterior à doença) para compra de imóvel;
- Atendimento médico domiciliar;
- Remédios gratuitos; etc.

**FUMAR CÂUSA MAU HÁLITO
PERDA DOS DENTES
E CÂNCER DE BOCA**



... mas não fume!

Sentimentos & Emoções

Frei Betto*

Benditos os sentimentos de compaixão, fractais da amizade, fontes de perdão a transmutar em carne os corações de pedra, telúricas matérias do fluxo incessante de amorosidade, varinhas de condão da realidade invadindo o desejo.

Malditas as emoções egocêntricas, traiçoeiras, lentes prismáticas de detalhes insignificantes, de ouvidos abertos às maledicências, apunhaladas pela própria vaidade.

Benditos os sentimentos de oração, joelhos vergados em reverência à vida, solidários à dor alheia, brio de quem se sabe de carne e sopro, como todos os mortais.

Malditas as emoções enciumadas, a inveja, a perfídia, o ódio à felicidade do próximo, a incapacidade de acolher o plural como dádiva singular.

Benditos os sentimentos de voraz justiça, a magnâmina gratuidade, o poder de admirar o outro, as expressões de reconhecimento e elogio, a alma em perene infância.

Malditas as emoções de medo, o apego insensato ao lugar que se ocupa, o juízo sobrevalorizado de si mesmo, o rosto alheio transformado em espelho, o sopro da presunção a inflar o ego.

Benditos os sentimentos de companheirismo, a partilha dos bens, o desapego do supérfluo, o sorriso alvo, o destemor das utopias libertárias.

Malditas as emoções afiadas como facas de extrair vísceras, serrilhadas e ponteagudas, a espistar cada um que se acerca, porco-espinho ferindo a quem o abraça.

Benditos os sentimentos de admiração, a centralidade no mistério de Deus, o silêncio alvíssareiro da meditação, um rumor de anjos afinando a intuição como cordas de um violino.

Malditas as emoções cavernosas que se escondem nos escaninhos da alma, feras à espreita de abocanhar incautos, os proclamas da vingança afixados nas entradas, o gosto azedo da fúria, a acidez de se sentir vitorioso com a derrota de outrem.

Benditos os sentimentos de luminosidade, a vassoura que retira sombras do chão da vida, o barro do qual somos feitos, a soberania do amor, as partículas elementares dessa existência cuja subsistência se nutre na coexistência.

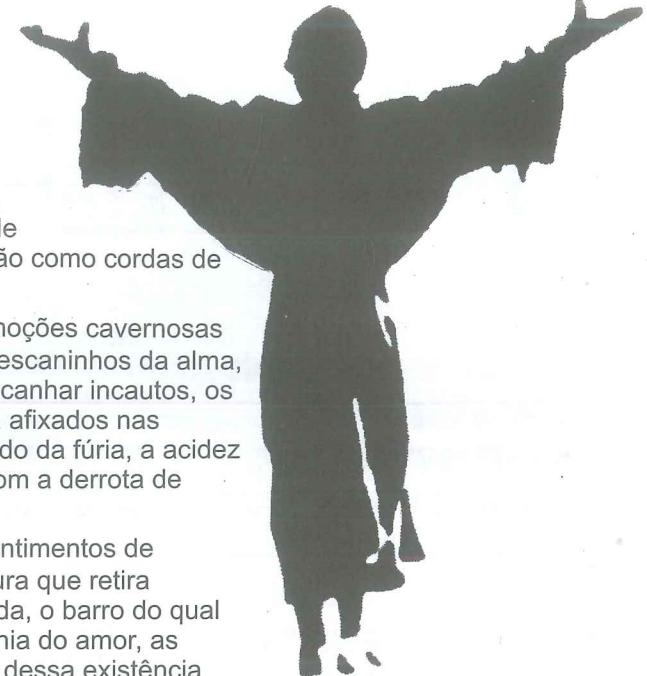
Malditas as emoções prenhas de amargura, as estradas vicinais de lembranças nocivas, a lesão no caráter, a mente atordoada por fantasmas, a inarredável atitude de se negar a nascer de novo, impregnado de benditos sentimentos.

Benditos os sentimentos de quem ousa despojar-se do velho, enterrar o que passou no passado, livrar-se da ansiedade frente ao futuro e acolher o presente como presente.

Malditas as emoções destiladas na ferrugem de antigas desavenças, a viscosidade das teias impregnadas na memória, os relâmpagos eletrizados da ira, o pusilâmine temor à crítica.

Bendita a vida que nos faz tão frágeis e, no entanto, capazes de Deus; tão egoístas e, no entanto, famintos de amor; Tão livres e, no entanto, dependentes; tão humanos e, no entanto, vulneráveis ao que há de mais sórdido; tão abençoados e, no entanto, olvidados de que somos imagem e semelhança de Deus.

*Escritor (extraído de *O GLOBO*)



"Além de transformarem o Brasil num cassino, viciaram a roleta."
(Millôr Fernandes)

Golpes e mais golpes

Uma onda mal-cheirosa de corrupção descarada parece ter tomado conta do mundo. Rouba-se demais, em todos os níveis e categorias sociais, nos mais diferentes países e culturas. Rouba-se na guerra e na paz. O dinheiro comanda o planeta. A ânsia de possuí-lo atropela qualquer prurido ético e ativa a criatividade das espertezas nacionais e internacionais.

Os golpes milionários vão-se sofisticando e às vezes explodem por bem sucedidas operações policiais. Mas o povo desconfia que as quadrilhas desmontadas são apenas uma amostra do que não se descobre, tão densas são as sombras em que se armam.

A recente mutreta desmascarada, já esperada desde que o xerife decidiu invadir os

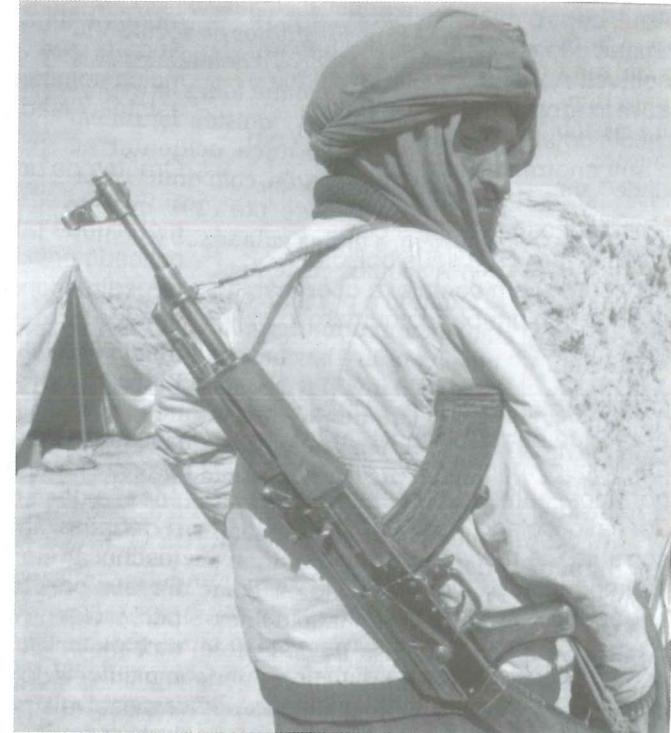
poços de petróleo do Iraque, foi o golpe clássico do superfaturamento. A Halliburton, aquela empresa do vice-presidente dos Estados Unidos (perdão: ele prudentemente se "afastou" da empresa ao se eleger, no ato formal que todos os políticos adotam mas ninguém engole, por serem uma interessante invenção os famosos contratos "de gaveta").

Aconteceu no Iraque invadido, naturalmente. A empresa é a "do coração" dos falcões da Casa Branca, que buscam a reeleição e estão envolvidos em campanhas eleitorais bilionárias. Haja superfaturamento para garantir doações desse tamanho. Os contratos "de reconstrução" do país ferido foram entregues em bandeja de prata (ou seria de ouro?) a grandes empresas americanas, sem o incômodo das concorrências, com alguma beirada para empresas dos dois países que apoiaram a barbárie, longe de terminar. Como não termina a do Afeganistão, onde continuam ataques maciços das "forças de libertação" cujas vítimas prediletas são crianças (o governo agressor pediu desculpas ao "governo" afegão pelos dois recentes erros de alvo cometidos numa mesma semana, aumentando

Iraque e administrar seus poços de petróleo foram abocanhados pela empresa que o vice-presidente americano dirigiu antes de se eleger... e já deu em superfaturamento.

a mortalidade infantil). Também lá os superfaturamentos devem estar sendo a regra. Quem pode controlar o que se negocia no já esquecido país dos talibãs? Lá permanece a pobreza extrema, a fome, a ausência total de democracia e a guerra interminável, agora "justificada" como combate à guerrilha da Al-Qaeda não derrotada, rotulada naturalmente de terrorismo.

Se não nos falha a memória, o objetivo da destruição sangrenta do Afeganistão era a liquidação desse grupo e a morte do seu líder, Osama Bin-Laden, com a consequente redemocratização do país e à superação da extrema pobreza e "atraso cultural" impostos pelos talibãs. Nenhum



desses objetivos foi alcançado. Dois anos depois, o caos permanece e a matança não pára.

No Iraque, essa maluquice mortífera e cara tampouco terá fim. Mata-se diariamente, com metódica regularidade, ao custo de 4 bilhões de dólares mensais. Dinheiro mais do que suficiente para a solução pacífica de todos os problemas gerados pela fome e a miséria no mundo. Se aplicado em programas sociais tornaria admirado e respeitado o país mais rico da história da humanidade - hoje odiado pela prepotência e arrogância que esbanja e agora vai aumentar, com a prisão de Saddam Hussein, providencial troféu eleitoral de Bush e seu grupo.

Aqui, dentro dos nossos generosos limites geográficos, a roubalheira é notável. Acabam de prender o ex-governador de Roraima. Foi recolhido algemado ao xadrez, com a sua enorme quadrilha.

Inventaram nada menos de 6 mil funcionários fantasmas cujos salários iam para seus bolsos espaçoso, em complexa operação envolvendo um bando numeroso de cúmplices.

Que burra organização estatal é essa, que permite acontecer tal aberração, mantida viva e oculta por anos, sem ser percebida? Será um caso isolado? Ou uma prática corrente, de meliantes confiantes na impunidade, julgando ter engendrado o crime perfeito? Não há os Tribunais de Contas para controlar os assaltos ao dinheiro público? A resposta foi anunciada: a quadrilha desmontada por jovens procuradores no Espírito Santo é comandada pelo presidente do Tribunal de Contas daquele estado. Já o esquema antigo da bandidagem local era comandado pelo presidente da Assembléia Legislativa do estado capixaba, quem se lembra? Aliás, onde anda esse conhecido trambiqueiro, suspeito de mandar matar quem sabia demais? Não parece estar residindo em edifícios de segurança máxima.

Por outro lado, o povo se pergunta sobre os grandes golpes desvendados que caem no esquecimento. O dono das contas milionárias nas Ilhas Jersey, dinheirama que jrou não lhe pertencer, quer ser prefeito de São Paulo. E o senador paraense

moralmente cassado pelo assalto à Sudam, que voltou deputado e já indica nomes para diretorias de estatais? Não vai acontecer nada?

Ora, temos um governo eleito por seu compromisso radical com a moralidade pública, que pode ser criticado pela dose quase letal do remédio econômico neoliberal enfiado por nossas goelas, mas não pela pilhagem dos cofres públicos.

Essa bandeira da moralidade vem sendo empunhada pelo governo da ética, e deve continuar, com redobrado vigor, sem medo de machucar suas bases políticas. Porque parece que muitos personagens dessa base de apoio, moral e politicamente multifacetada, devem explicações impossíveis nos golpes aqui lembrados e mais recentemente no caso do Banestado, outra vulnerabilidade explícita dos mecanismos de controle da escandalosa lavagem de dinheiro. Mecanismo que funcionou por longo tempo sem ser perturbado, e vai desaparecendo discretamente da mídia. Não se sabe a que custo. Silêncio é mercadoria cara.

Mais constrangedor, ainda, foi encontrar no Planalto, em sala vizinha à Casa Civil, separado por apenas uma laje de concreto do gabinete sagrado, um foco não percebido de corrupção, atuando durante um ano, nas barbas do presidente.

Não podemos perder de vista o poder de contágio dessas práticas. Quem é honesto vive sob

a tentação de "fazer o que todos fazem" e aparentemente se dão bem, com riscos mínimos.

Felizmente, a maioria do povo brasileiro resiste à tentação. Segue o conselho cínico do Millôr: "Hoje, é bom negócio ser honesto, porque a concorrência é menor".

Colaboração de leitor

Crime e corrupção

A história recente mostra que os senhores do crime elegem seus representantes nos parlamentos, nos executivos e mantêm, sob ameaça e facilidades pecuniárias juizes, promotores, delegados, investigadores e policiais de forma a evitar sejam incomodados nos seus negócios escusos. Isso fez escola nas máfias norte-americana, italiana, mexicana, russa, chinesa, japonesa e, no Brasil, se fortaleceu junto aos contraventores do jogo do bicho, do narcotráfico, do roubo de cargas, etc.

Lembro quando Collor, nos primeiros meses da presidência, desmantelou a Polícia Federal, sua organização e sua capacidade investigativa. Ele e seu caixa de campanha, PC Farias sabiam muito bem que precisavam desqualificar qualquer instituição, que viesse atrapalhar suas ações furtivas. Agora, vejo notícia da autorização do governo federal para contratar cerca de seis mil agentes para essa importante organização policial. Demorou! E ainda vai demorar para obterem-se os primeiros resultados, caso não se considere essa contratação mais uma emergência nas inúmeras pendentes nas gavetas do governo central.

Foi necessário que se desenvolvesse no país um grupo ousado de criminosos que não usam gravatas - tipo Comando Vermelho - para que os engravatados chegassem a conclusão de que a situação de desordem já está fora de controle, ultrapassou todos os limites "aceitáveis".

Os políticos e os profissionais de comunicação (jornalistas, repórteres, editores e comentaristas) parecem "aceitar" e digerir com mais facilidade as violações criminosas executadas de modo discreto, sem alardes, sem divulgações cruas, sanguinárias, horripilantes, que possam chocar a chamada opinião pública durante o noticiário da noite.

Creio que agora torna-se necessário que os proprietários, dirigentes e profissionais da mídia - que mantinham esse tipo de atitude - repensem suas talvez confortáveis mas perniciosas omissões.

José Renato M. de Almeida, jрма@terra.com.br - Salvador - Bahia

PROPOSTAS PARA UMA NOVA EDUCAÇÃO

Marcelo Barros*

"Na maioria dos casos, a escola ainda educa os jovens para excluírem outros seres humanos. No mundo inteiro, a educação escolar continua contribuindo para a intolerância e a incompreensão entre culturas e principalmente entre religiões".

Esta declaração forte do tunisiano Abdelfattah Ámor, relator especial das Nações Unidas, motivou a Conferência Internacional Consultiva, que a ONU realizou recentemente em Madri sobre "Educar para a Tolerância". Mesmo quem não participou do encontro é convidado a rever o caminho percorrido na estrada do respeito e diálogo com o diferente, para construir um mundo pluralista e de paz.

A organização internacional AIN (Ajuda às Igrejas Necessitadas), no

"Informe sobre a liberdade religiosa no mundo em 2001" (esse quadro segue atual) constatou que um bilhão e 400 milhões de pessoas sofrem discriminação e, em muitos casos, perseguição, por causa de sua religião. Desses, 200 milhões são cristãos, perseguidos por sua fé, na Argélia, Afeganistão, Sudão, China, Indonésia e Egito.

Na Índia, em pleno século XXI, extremistas hindus profanaram cemitérios cristãos, violaram religiosas, assassinaram missionários e fecharam 11 escolas sustentadas por entidades cristãs. No Afeganistão e na Argélia, 38 pessoas, a maioria jovens, foram presas, ao serem surpreendidas tendo nas mãos a Bíblia ou um livro dos Evangelhos.

No Egito, naquele ano, 95 muçulmanos invadiram uma Igreja Copta. Depredaram o templo e mataram 20 cristãos. No Paquistão, em um templo católico, onde se fazia um culto evangélico, extremistas muçulmanos assassinaram mais de 30 pessoas. No sul da Índia, muçulmanos são

perseguidos. No Irã, fiéis da fé Baha'i são presos e mortos. Em países da África e na Austrália, religiões ancestrais continuam proibidas ou marginalizadas. Depois do 11 de setembro, em países ocidentais, aumentou o preconceito e a intolerância aos muçulmanos.

Cada vez mais, a sociedade de "cultura cristã" segue líderes que propõem "tolerância zero" contra "indivíduos ou grupos", não considerados pessoas humanas ou cidadãos iguais a nós.

Qualquer religião que se comprehende como tendo a verdade absoluta tende a cair no dogmatismo e no fundamentalismo

intolerante. O papa João Paulo II repete sempre: *"A verdade não é propriedade de ninguém. É um processo e um caminho a serem percorridos juntos".*

O cristianismo tem uma longa história de intolerância. É urgente aos cristãos tornarem-se discípulos de Jesus, mestre da compaixão, que aceitou carregar sobre si, ou seja, suportar e tolerar os pecados do mundo

*Marcelo Barros, monge beneditino, autor de 24 livros.

PIB Brasil 2003: - 0,2%... Ruim, hein, Ministro?



ENTREVISTA

Marcelo Barros, monge beneditino*

Um mosteiro de portas abertas

No Mosteiro da Anunciação do Senhor não há clausura: as portas ficam todas abertas, das cinco da manhã às dez e meia da noite, para quem quiser entrar. E a participação dos leigos é intensa. Na missa de domingo, celebrada na igreja onde todos os bancos se dirigem para o centro, em forma de mandala, são as leigas que dão a comunhão aos monges. A comunidade também é atípica: duas mulheres hoje convivem com os monges e, entre esses, há nada menos do que um ex-abade de Tournay, o irmão Guido de la Chappelle, vivendo com total simplicidade. O irmão beneditino Marcelo Barros é um monge polêmico, carismático e que exerce o ecumenismo diariamente. No seu mosteiro, em Goiás Velho, as celebrações católicas ganham tons indígenas e afro-brasileiros. Conhecedor da Umbanda e freqüentador do Candomblé, ele debruça seu olhar sobre as pessoas com generosidade e compreensão. Em tempos de "guerra santa", busca a paz santa, assumindo por missão o diálogo entre as diversas religiões. Reproduzimos parte da entrevista concedida à jornalista Raquel Ribeiro, da agência ADITAL.

P- Por que você incomoda tanto as alas mais conservadoras da Igreja?

M- Teria de perguntar a eles... Mas tenho a impressão que dois aspectos incomodam. O primeiro é por eu criticar o estilo de poder ainda hoje vigente nas Igrejas. Eu lembro à Igreja Católica que há 35, 40 anos (no Concílio Vaticano II e em Medellín) ela assumiu o compromisso de se renovar, de ser uma igreja organizada em igrejas locais, autônomas, onde o papa não é um superbispo, um chefe supremo da Igreja, mas o bispo de Roma, guardião da unidade de todas as Igrejas em comunhão com a Sé Romana. O segundo é essa espiritualidade que vai além da identidade religiosa e se une a

qualquer expressão de amor e de paz.

Outra coisa que critico é quando muitos da hierarquia eclesiástica põem a Moral acima da vida e do direito das pessoas. Não quero ser um *enfant terrible*, mas se me perguntam, respondo. Dizem que um bispo proibiu a Rede Vida, televisão católica, de me convidar para ser entrevistado no programa Tribuna. Independentemente, por eu ter dito que sou contra a campanha contra o uso da camisinha. Não posso trabalhar pela justiça, no ponto de vista social e político, e ser cúmplice de uma injustiça profunda, que atinge a pessoa no nível da consciência. Tocando na sua consciência, atinjo o que há de mais sagrado.

Jesus não veio para condenar as pessoas, mas para dar alegria; não veio para angustiar, mas para libertar. Acho que o papa tem todo o direito de ter a moral que quiser ter, mas vamos discutir as opiniões. Não é justo dizer "quem não pensar como eu não é católico".

P- Quais problemas você já enfrentou devido a essa postura?

M- Quando passei em Roma, em 1998, dei uma declaração a ADISTA, um jornal alternativo. Perguntaram-me o que eu acho do fato de o Papa estar pedindo perdão pelos erros cometidos pela Igreja no passado. Respondi que estou de acordo, mas penso que, para enxugar uma sala molhada, é preciso primeiro fechar a torneira. Não adianta o papa pedir perdão, se não mudar o modelo de Igreja, responsável por esses erros.

Depois de alguns meses, um órgão da Cúria Romana queixou-se ao abade presidente da nossa congregação e pediu minha condenação.

P- Parece que a Igreja não está aberta para se adaptar aos novos tempos...

M- Em alguns aspectos, sim. Mesmo em relação ao divórcio, apenas os bispos mais avançados criaram uma pastoral para acolher, acompanhar os novos casais. Afinal, é tanta gente... Acho que qualquer dia a hierarquia da Igreja vai descobrir a Revolução Francesa, a República, e o papa vai deixar de ser rei. A Igreja sempre tem chegado muito atrasada.

P- Já no Candomblé, por exemplo, o respeito à sexualidade é enorme.

M- O Candomblé tem como elemento fundamental o Axé, que é a energia vital. É a energia divina. Tudo que favorece essa energia de amor é acolhido. Na questão sexual, o interdito, o proibido, toca muito mais nos princípios rituais do que nos morais. A mulher menstruada deve evitar fazer sacrifícios? - isso é muito mais ritual do que moral. Ter um comportamento agressivo, tomar o marido da outra, pedofilia, estupro, tudo isso é condenado. Mas a relação sexual normal, sadia, faz parte do que chamam de "boa energia", aí não há qualquer problema.

P- Sexo é "o" tabu para a Igreja católica...

M- Quando estudei a Bíblia, descobri que a visão da Moral Oficial da Igreja não é exatamente a mesma da Bíblia. No Antigo Testamento, ao menos por um tempo, aceita-se a Poligamia. Depois, a comunidade vai, cada vez mais, descobrindo como Palavra de Deus o direito de igualdade homem-mulher e a proposta de relação única e fiel. Mas, sem condenações. Jesus fala da importância do respeito na relação homem-mulher e diz que o homem não pode se desembarrasar da mulher a seu bel-prazer, mas não toca propriamente na questão sexual em si. Há um texto muito citado pela igreja contra

os homossexuais: o primeiro capítulo da Carta aos Romanos, onde Paulo fala de decadência do Império Romano. Uma decadência política, social, cultural e moral. Aí não se trata de homossexualismo como tal e sim de uma depravação geral. Logo, a questão é cultural. Não se pode fazer uma leitura fundamentalista dos textos.

P- Há alguma perspectiva de mudança desse modelo?

M- Há muita gente, mesmo dentro da Hierarquia, que vê isso claro. Só não tem poder para mudar, nem coragem para lutar por isso. Tenho a impressão que o quadro eclesiástico é tão rígido que não se falará disso até que um próximo papa aceite abrir o diálogo. Ordenar homens casados já melhoraria.

**Parte de uma entrevista mais extensa do monge beneditino Marcelo Barros a Raquel Ribeiro, de Adital (2002) em que expõe questões sempre atuais. Fato e Razão publica com freqüência os artigos lúcidos e esclarecedores de Marcelo Barros, nome católico de referência no diálogo inter-religioso, autor de mais de 40 livros.*

As coisas pequenas

É curioso observar como a vida nos oferece resposta aos mais variados questionamentos do cotidiano... Vejamos:

A mais longa caminhada só é possível passo a passo... O mais belo livro do mundo foi escrito letra por letra... Os milênios se sucedem, segundo a segundo... As mais violentas cachoeiras se formam de pequenas fontes... A imponência do pinheiro e a beleza do ipê começaram ambas na simplicidade das sementes... Não fosse a gota, não haveria chuvas...

O mais singelo ninho se fez de pequenos gravetos e a mais bela construção não se teria efetuado senão a partir do primeiro tijolo... As imensas dunas se compõem de minúsculos grãos de areia... Como já refere o adágio popular, nos menores frascos se guardam as melhores fragrâncias... É quase incrível imaginar que apenas sete notas musicais e cinco meios-tons tenham dado vida à "Ave Maria", de Schubert e à "Aleluia", de Haendel... O brilhantismo de Einstein e a ternura de Tereza de Calcutá tiveram que estagiar no período fetal e nem mesmo Jesus, expressão maior de Amor, dispensou a fragilidade do berço...

Assim também o mundo de paz, de harmonia e de amor com que tanto sonhamos só será construído a partir de pequenos gestos de compreensão, solidariedade, respeito, ternura, fraternidade, benevolência, indulgência e perdão, dia a dia... Ninguém pode mudar o mundo, mas podemos mudar uma pequena parcela dele: esta parcela que chamamos de "Eu".

Não é fácil nem rápido... Mas vale a pena tentar!

(Colaboração de leitor. Autor desconhecido)

Poema

Beatriz Reis

Que fizemos de teu amor
entregue sem defesa em nossas mãos?

Por que o encarceramos
nos limites estreitos
de nosso próprio coração?

Que fizemos de tua imagem
tecida em nosso próprio ser?

Talvez a tenhamos prendido
no nosso modo de pensar,
no nosso modo de viver.

Que fizemos de ti, Senhor?
A nós, sem reservas te entregaste.
De ti nos apossamos
De ti nos servimos.

E agora te buscamos.
Tua face onde está?
Escondida em nossa face
Presa em nosso coração.

Rubem Alves*

Tenho a impressão de já haver dito. Não tem importância. Direi de novo. A vida não é feita com novidades. É feita com repetições. Como na música. Há aquele tema, refrão que se repete, se repete, se repete e a gente quer sempre ouvir de novo. É sobre religião.

Receita para milagre

Já me perguntaram por que escrevo tanto sobre religião. Há duas razões. Primeiro, porque a alma humana me fascina. Ela é um cenário fantástico, com abismos escuros cobertos de neblina, cavernas infernais onde habitam demônios, ao lado de picos altíssimos contra o céu azul, onde crescem flores coloridas e pássaros cantam nas árvores cheias de frutos. Paraíso e inferno num mesmo corpo...

Esses cenários fantásticos pertencem ao mundo da religião. E como minha vocação é a de andarilho, eu gosto de caminhar pelas trilhas da alma.

A outra razão é que tenho também a vocação de conversador. Gosto de conversar com as pessoas simples, sem diploma. De preferência na cozinha. Conversar é jogar peteca com palavras. Acontece que as pessoas comuns jogam muito essa peteca chamada religião. Aí eu entro no jogo... Se eu quiser me comunicar com os russos será inútil que eu lhes leia um poema em português. Minhas palavras lhes serão, para usar a imagem do apóstolo Paulo, "como o bronze que soa ou o címbalo que tine" - sons sem sentido.

Para conversar é preciso falar a linguagem daquele com quem converso. Isso tem a ver com minha vocação de educador e comunicador. Eu quero entender as pessoas. Eu quero que elas me entendam. Gosto de falar a linguagem da religião por ser esse um jogo de petecas que jogo bem, modéstia à parte...

Então, se já disse: repito. Há dois tipos de religião. Um deles é a religião que oferece fórmulas para manipular o sagrado. Manipular o sagrado! Esse é o mais antigo e o mais profundo sonho da alma humana. Atrelar os deuses aos nossos arados! Engaiolar o Pássaro Encantado e levá-lo por onde eu for!

Engarrifar o Vento! Por sela e freio em Pegaso, o cavalo voador, e cavalgá-lo! O homem que fizesse isso já não seria homem! Seria um deus... E como a Serpente, aquela do Paraíso, psicóloga conchedora dos desejos do coração humano, sabia desse desejo, foi bem nesse lugar ela tentou: "... e sereis como os deuses!"

Poder é bom. Sem poder a gente morre. Saúde é poder. A doença, ao contrário, é um declínio de poder. Fraqueza. Fraqueza e morte andam próximas. Já imaginaram a euforia do homem quando ele conseguiu domar o fogo? Que extraordinários poderes novos o fogo lhe deu! A luz, na noite escura; o calor, na noite fria; o fogão e a culinária; o poder para derreter os metais, na fundição; o poder para endurecer o barro, na cerâmica... Sem o fogo não haveria civilização.

Se a tecnologia nos dá poderes extraordinários, que poderes muito mais extraordinários nos serão dados se conseguirmos manipular o sagrado para os nossos propósitos, da mesma forma como manipulamos o fogo! Pois Deus não é fogo? Afinal de contas os deuses são onipotentes, podem todas as coisas!

E é isso que esse tipo de religião promete: atrelar os deuses aos nossos desejos, para que eles façam a nossa vontade. A oração do Pai Nossa dessa religião é meio diferente, embora ninguém reconheça. Ela reza: "Seja feita a minha vontade..." Pois, não é para isso que os deuses existem? Para



Há um tipo de religião que promete atrelar os deuses aos nossos desejos, para que façam a nossa vontade.

fazer a nossa vontade? De que me valeria um deus que não faz o que desejo? Não seria melhor procurar um outro? Não é por isso que as pessoas trocam de religião?

Bem dizia Dostoiévski que o que os homens desejam não é Deus, é o milagre. Milagre é quando meu desejo se realiza! A jovem linda dá o seu carinho a um homem repulsivo. Por amor? Não. Ela o beija porque ele é rico e pode fazer as suas vontades. Não é o seu amor que ela busca. Ela busca o seu dinheiro.

Assim os homens buscam a Deus não por amá-lo mas pelo milagre que ele pode operar. A prostituição acontece também no mundo das religiões. Do jeito preciso como aconteceu com o homem que achou a lâmpada mágica onde mora um gênio. É só esfregar a lâmpada para que ele apareça e pergunte: "Mestre, qual é o teu desejo para que eu o realize?" Na estória do gênio o truque é simples: basta esfregar a garrafa.

Nessas religiões o "esfregar da garrafa" assume uma variedade de formas diferentes, dependendo da barraca, na feira das religiões, em que se vendem e se compram as arapucas para se prender o sagrado: fórmulas mágicas, gestos, rezas, amuletos, livros santos (dizem que são poderosos como proteção para os relâmpagos, em dias de tempestade), colares (pendurados nos carros evitam acidentes), promessas (os deuses vendem os seus serviços por favores), peregrinações a lugares santos (pois lá o poder do sagrado está mais próximo), exorcismos, copos de água à frente dos aparelhos de TV, além dos despachantes sagrados de vários tipos, sendo que um deles promete rapidez, milagres para o dia de hoje.

Alega-se, inclusive, que um adesivo num carro, dizendo ser ele propriedade exclusiva de Jesus, afugenta os ladrões. Um ladrão religioso jamais se arriscaria a roubar um carro de Jesus. O

"Se Deus fez as pessoas para amarmos e as coisas para usarmos, por que amamos as coisas e usamos as pessoas?" (Autor desconhecido).

castigo seria certo... Boas relações com Deus são garantias de sucesso. Só é pobre quem quer. Coitados dos profetas! Certamente não tinham boas relações com Deus. Não tiveram sucesso. Não souberam manipular o sagrado para que ele realizasse os seus desejos!

Esse tipo de religião é o que é mais procurado porque o que mais desejamos é a realização dos nossos desejos mesmo que sejam desejos tolos, embora nunca reconheçamos que nossos desejos podem ser tolos.... O seu nome próprio seria magia. Porque magia são as técnicas de que se lança mão para manipular o sagrado para a realização dos nossos desejos.

Os profetas do Antigo Testamento o chamavam de idolatria. O idólatra é a pessoa que pensa que o sagrado está preso num objeto, qualquer objeto, um santinho, um templo, uma relíquia, um livro, uma fórmula, uma comida, uma bebida, um rito. Estando preso, o sagrado está sob o seu controle: Deus está engaiolado. É possível levá-lo para onde quero. Posso usá-lo para fazer a minha vontade. Mas um Deus engaiolado deixou de ser um Deus!

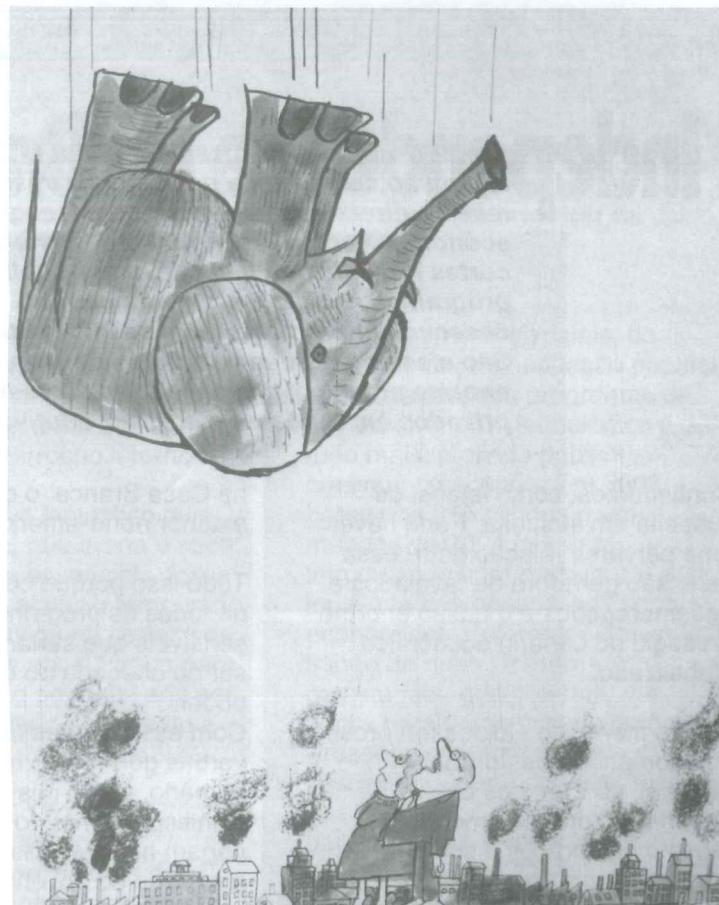
O outro tipo de religião? Pena. O espaço chegou ao fim. Conversaremos depois...

**Escritor, teólogo, psicanalista.*



**S
A
M
P
R
I
O
R
I
S
T
A
S**

Millôr Fernandes, o maior humorista brasileiro, acaba de lançar seu novo livro: **"100 Fábulas Fabulosas"**. Imperdível. Editora Record. Nesta charge antiga, já nos advertia sobre os estragos que causamos irresponsavelmente na atmosfera e no ar que respiramos, bem antes de se falar em efeito-estufa e aquecimento da Terra.



O IBGE, que não inventa realidades, descobre que as favelas crescem por toda parte no país. Os números assustam. Como leigos em economia, limitamo-nos a suspeitar que há uma íntima relação entre a expansão da favelização e a das taxas de desemprego e subemprego no país.

Favelas crescem desemprego também

Helio e Selma Amorim

Também nos permitimos desconfiar que essa expansão coordenada de favelas e desemprego tem relação direta com o prolongado desaquecimento da economia, com crescimento praticamente zero, cortes radicais dos investimentos públicos em programas sociais e em obras para o desenvolvimento essencial da infra-estrutura do país. São eles os grandes geradores de empregos, com enorme potencial alavancador de investimentos privados em todos os setores produtivos.

Continuamos, como leigos, de suspeita em suspeita. Pode haver uma perversa relação entre essa recessão geradora de favelados e desempregados e o nosso enorme prestígio no cenário econômico globalizado.

Temos merecido elogios fervorosos dos comandantes do Banco Mundial, do FMI, dos chefes de governo do primeiro mundo, até mesmo os abraços e sorrisos surpreendentes do sinistro e arrogante Zoelick, que comanda,

na Casa Branca, o comércio exterior norte-americano.

Tudo isso porque cortamos verbas de todos os programas mais sensíveis que seriam a razão de ser da chegada do diferente ao poder. Com esses cortes radicais de verbas geramos o tal superávit primário, rótulo misterioso para significar o dinheiro com que se pagam as sagradas dívidas interna e externa do governo.



Crescem as favelas em áreas de risco cada vez maior, desafiando mudanças em políticas econômicas e sociais nos três níveis de governo

Até o famoso megainvestidor internacional George Soros, beneficiário da nossa amabilidade com os credores, acha que exageramos no arrocho interno...

Se esse superávit fantástico que gera a recessão, que drena e seca os investimentos essenciais, fosse um gigantesco sacrifício temporário para reduzir a dívida na certeza de um futuro menos encalacrado para a pátria amada, o povo deveria ser motivado a aceitar o sofrimento e morar na favela.

Acontece que não é assim. Embora pagando dívidas e juros estratosféricos (os maiores do mundo) com o dinheiro sonegado

dos investimentos sociais, do saneamento, da habitação popular, das estradas, dos programas de desenvolvimento tecnológico e de tudo mais, a dívida pública continua crescendo. Em 2003 bateu nos 965 bilhões e em meados de 2004 já estará introduzindo uma palavra até então inusitada nos nossos indicadores econômicos. Estaremos devendo 1 trilhão de reais. Trilhão. Uma palavra feia, que soa mal. Vai agora para o vocabulário do povo. Prosseguindo em nossas suspeitas, a partir do crescimento das favelas, ocorre-nos que, se pagamos com esse enorme sacrifício nossas dívidas, honrando-as na frente e

acima dos compromissos com o povo que mereceriam igual honraria, e, ainda assim, a dívida cresce, arriscamo-nos a concluir, como leigos, que ela é impagável, por mais que cresçam as favelas e o desemprego continue nos níveis inéditos atuais. Se essa suspeita fosse correta, o que como leigos não podemos afirmar, seria preciso avisar aos credores. Ficariam nervosos. Como a velha anedota do homem que não conseguia dormir, por causa de uma dívida ao vizinho que mora em frente, abre a janela, berra para o credor que não vai pagar e se recolhe tranquilo: "Agora é ele que não vai dormir".

Os nossos vizinhos argentinos fizeram assim. Avisaram que a dívida é impagável e propuseram 70% de redução. Um escândalo. Credores revoltados berraram e ameaçaram. Finalmente, nada de muito grave tendo acontecido, senão a penhora de algumas instalações militares daquele país nos Estados Unidos e ameaças de seqüestro de aviões argentinos, o porta-voz dos credores considerou indecente a proposta dos 70% mas admite conversar sobre uma redução de 25% da dívida... talvez preparando um acordo na média, o que será um ganho salvador.

Aquele país experimentou a sensação de pisar o fundo do poço. Optou por um lance de jogo perigoso, mas já está anuncmando crescimento econômico invejável de 7%, inflação anual de 4%, e turistas argentinos voltaram a invadir nossas praias. Algo está acontecendo por lá, o governo ostentando 80% de aprovação popular.

Como leigos ignorantes nessa misteriosa ciência, não podemos prever o desfecho desse lance arriscado de jogador de pôquer. Muito menos teríamos o atrevimento de sequer sugerir que o Brasil faça o mesmo. Mas continuar com a mesma política econômica, como anunciam o governo e o Banco Central, é certamente condenar a esperança à morte. Se teremos que gerar, a cada ano, a esse preço social, o superávit necessário para pagar as dívidas e se ainda assim elas não param de crescer, o que podemos esperar?

O senador do partido do governo que propôs reduzir progressivamente, a cada ano, o superávit primário em meio por cento, para o país sair lentamente da recessão sem traumas maiores ouviu imediatamente o sonoro "não" da área econômica: a política não mudará. Para que o mercado não fique nervoso e os credores não tenham insônia. Poderiam silenciar os aplausos que tanto nos deixam orgulhosos no colorido cenário global.

Temos uma robusta convicção de que o Presidente de repente se dará conta da armadilha em que se deixou prender, dê um berro e um soco na mesa, e mande fazer tudo ao contrário. Mandará primeiro cumprir suas promessas e atender às necessidades mais urgentes do povo. Com as sobras, pagará aos credores que ficaram ricos com o nosso empobrecimento, a juros de agiotas. É um misto de fé e desejo ardente.

Se o berro não se ouvir, as favelas continuarão crescendo na mesma velocidade das taxas de desemprego. Realidades concretas que provocaram esta confusa

reflexão de leigos na matéria, que não querem chegar a ter saudades da esperança, como já revelam preocupantes pesquisas recentes.

- ❖ *Como avaliamos as políticas econômica e social dos governos federal, estadual e da nossa cidade?*
- ❖ *Como podemos atuar para que aconteçam mudanças que revertam o crescimento da favelização e do desemprego aqui mesmo e no país?*
- ❖ *Há indicações de possibilidades de trabalho para desempregados que aprendam um ofício? Temos condições de promover essa capacitação para o trabalho?*
- ❖ *Nesse tempo de falta de emprego, muitas famílias se queixam por não encontrar bons profissionais para reparos e pequenos serviços em suas casas (eletricista, bombeiro, encanador, carpinteiro, pintor...) Alguma organização está promovendo capacitação ou treinamento dessa mão-de-obra na nossa cidade? Podemos colaborar?*

Cada família do MFC - uma assinatura por ano!

Este é um compromisso do MFC com a conscientização e evangelização das famílias:
VENDA OU DÊ DE PRESENTE, CADA ANO, UMA ASSINATURA DE

fato
e razão

Envie o nome e endereço de um filho, parente, amigo, compadre, afilhado, colega, vizinho, aluno, freguês... com um cheque nominal cruzado ao MFC
Assinatura anual 2004: 24 reais (4 números)

Distribuidora MFC de Fato e Razão
Rua São João, 25 s/loja - CEP 24020-040 Niterói - RJ
Tel./Fax (21) 2629-7163
e-mail: fatorazao@primyl.com.br

"É muito melhor arriscar realizar coisas grandiosas, mesmo expondo-se à derrota, do que formar fila com os pobres de espírito que nem gozam muito nem sofrem muito, porque vivem nessa penumbra cinzenta a que não se conhece como vitória nem derrota." (Roosevelt)

"O tempo é muito lento para os que esperam, muito rápido para os que têm medo, muito longo para os que lamentam, muito curto para os que festejam. Mas, para os que amam, o tempo é eternidade" (William Shakespeare)

GENTE BOA CÉNTE BOA

Se nos ativermos preferentemente aos cenários globais da macroeconomia, da situação política do mundo e do Brasil e do estado ecológico da Terra, somos tentados a ficar deprimidos e até desesperados.

Não é fácil para um cidadão comum, que ainda se orienta pela verdade e pela justiça, ter que aturar, dia após dia, a cara do Presidente Bush, medíocre, arrogante e mentiroso. Ou ver anos a fio nas televisões e nos jornais a cara de alguns políticos notoriamente corruptos, ou de animadores de programas de embelezização coletiva, que passam aos espectadores a idéia de que o que conta mesmo não é a vida mas o espetáculo.

E há pessoas capazes de vender a alma ao diabo por um minuto de celebridade. Quantos diante disso não chegam a pensar: o mundo não tem jeito mesmo, ele é dos espertos e arrivistas. E passam a vida amargurados.

Só nos curamos deste mal-estar se nos voltamos para o microcenário da vida cotidiana na qual vivem os cidadãos comuns. A esses não lhe

Leonardo Boff*

diz nada o risco Brasil, nem a bolsa nem a cotação do dólar, porque não mexem com tais coisas. Vivem de salários pagos em reais a preço de duro trabalho.

Nesse universo das grandes maiorias encontramos uma preciosidade, aquilo que na linguagem comum chamamos de gente boa. Essa gente boa nos devolve a confiança de viver.

Quem é *gente boa*? Não é fácil defini-la mas a encontramos a todo momento à nossa volta. É gente honesta, direita e trabalhadora, gente que leva bem sua família, que está sempre disposta a ajudar os outros e que mostra honradez no cotidiano. Logo os reconhecemos: é acolhedora, possui um olhar risonho e é como se tivesse a bondade escrita na testa. É gente em quem podemos confiar. Encontram-se não apenas entre os simples mas também nos estratos mais sofisticados que

contudo, sua humanidade essencial imune aos simulacros da sociedade da representação.

Por isso, a *gente boa* é antes um estado de alma que uma classe social, uma qualidade do coração, que vai além do plano econômico, social e intelectual. É aquele que no trabalho salta no lugar do outro que faltou, porque as coisas têm que ser assim e devem funcionar, independente do sacrifício que comporta. Ou a cozinheira que fica além do horário, sem amarrar a cara, porque houve uma festa de família que se alongou. É o negociante, comprometido com a comunidade, que não se incomoda em perder algum dinheiro, para estar presente em alguma atividade importante.

Gente boa não precisa ser religiosa, mas é sempre respeitadora, e quando é religiosa, não faz alarde e reza discretamente suas orações e se confia de manhã e de noite ao bom Deus. *Gente boa* é a *gente humilde* da canção inigualável de Chico Buarque, aqueles que vão em

fronte sozinhos sem ter ninguém com quem contar e são honestos e trabalhadores.

Eu diria que o valor de um povo se mede pela quantidade de *gente boa* que é capaz de produzir. O Brasil funciona por causa desta *gente boa*, a despeito dos corruptos e dos políticos que em geral mentem sobre a real situação do país. Norberto Bobbio nos deixou esta sábia lição: o valor de uma sociedade não se mede pela boa ordenação jurídica mas pelas virtudes que os cidadãos vivem.

A *gente boa* vive de virtudes, por isso, ela não nos deixa desesperar e nos dá boas razões para continuar confiando. Ela é, graças a Deus, a grande maioria do país.

*Teólogo, Doutor Honoris Causa em Política pela Universidade de Turim e autor de *Ética e Eco-espiritualidade*, Verus, Campinas 2003.



Vivemos um tempo de gestos avulsos e de uma solidão que nos é servida sempre. Vivemos um tempo de cálculo, de facas e agendas. Vivemos um tempo onde não há mais tempo para além da urgência. O que há de humano em nós, o que sobrevive, dói. Olhar em torno alucina: estamos cercados por um silêncio de poço; por toda parte nota-se a sombra que se

Escolha seu tempo

Marcos Rolim*

Vivemos um tempo de estátuas que não reconhecemos, tempo de longos corredores, de grades, de imagens distorcidas ao espelho. Nosso caminho é feito de chuva e, nele, há crianças descalças.

Vivemos um tempo de embuste, de corações emparedados, de uma razão blindada, de frio impecável. Um tempo de erros e esfinges, de seringas, de cartórios. Tempo de desencontro este, de distância e cimento, de pedra e números.

Tempo de palavras rarefeitas, tempo de um mesmo discurso, de zelo pelas armas, tempo de eclipse, tempo de "Big Brother".

Há algo de artificial nesse tempo; tempo de venenos e comprimidos; tempo de tetas que crescem mais rapidamente que frutas; tempo de virgens que se escondem em vidraças; tempo de jornais que sangram e de cadáveres que não se acham mais. Há algo de mineral nessa época, tempo de moeda, de espadas, tempo de lápide. Há algo de escuridão e lágrimas em nosso tempo; tempo de aviões que atravessam torres; tempo de bombas despejadas sobre um casamento. Nosso caminho, enfim, é um labirinto e, nele, há multidões com fome de pão e justiça.

Dentro do tempo que recebemos, entretanto, pulsa um outro tempo: tempo de encontro, tempo de bosque, de lábios e seiva. Um tempo solidário para que nos importe o outro. Dentro do tempo, há um tempo Yanomami para unir vento e folhagem, um tempo Kantiano para juntar palavra e ação; um tempo de Borges para unir as embarcações e os espelhos; um tempo de paixão para confundir as lágrimas com os versos, a tesoura com a lã e certas mulheres com a primavera. Tempo para ouvir R.E.M. e para ler Drummond. Nesse tempo,

há um tempo de pássaros e baleias, de gargantas e brincos; tempo para pensar na natureza, para escrever cartas, tocar violino e descobrir direitos humanos.

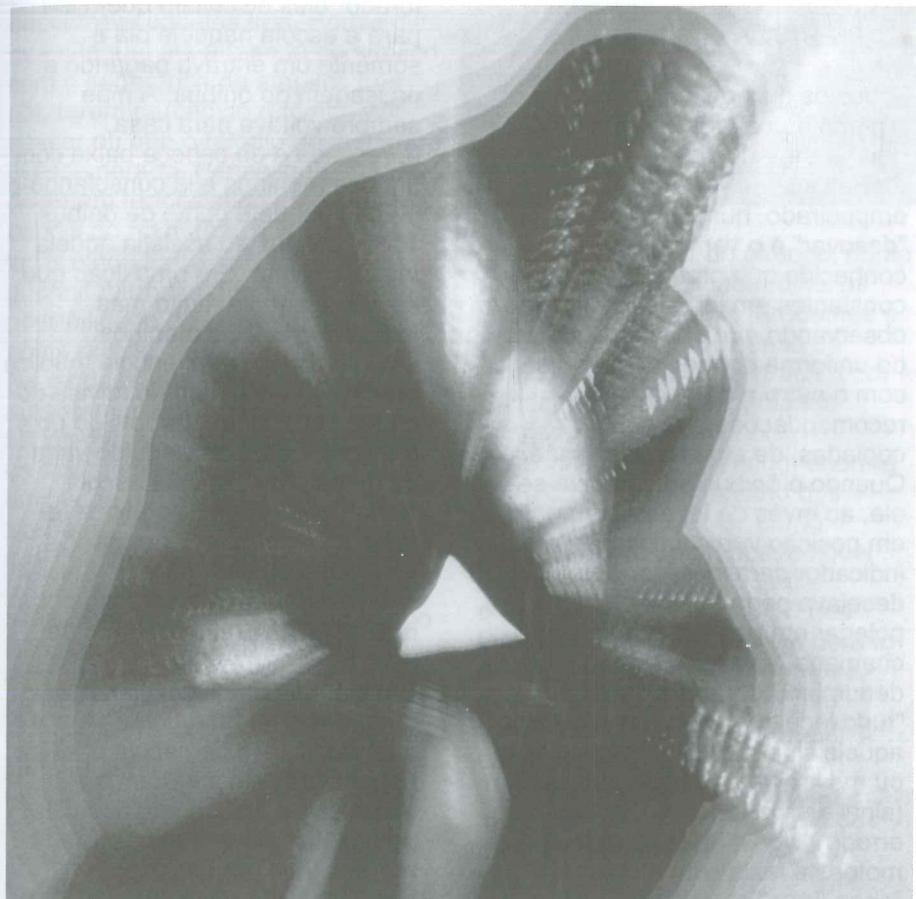
Há o tempo de contar histórias às crianças, tempo das sereias, dos gigantes, das fadas. Há o tempo de ir às ruas, de pichar paredes, de distribuir panfletos, de rodar a baiana.

E, claro, há o tempo de esquecer-se do tempo, tempo de gozo, tempo de açude.

Dentro do tempo que recebemos há tempo de luz e dança, tempo com aroma, com livros, com vinho. Nesse tempo, há noites com vagalumes e ursos; tempo de orvalho, de batom, de pele. Tempo de estrelas sobre o peito e de uma imensa vontade de viver.

Nosso caminho há de alargar esse tempo e reparti-lo alegremente, como se fosse uma laranja, um sorriso, um beijo.

*Jornalista



Contos da vida real: A luta pela gratuidade do transporte coletivo intermunicipal para estudantes da rede pública.

Cidadania

Vou contar porque os pneus dos ônibus andam tão carecas e os empresários não podem trocá-los.

Todos os dias pela manhã iam para o ponto de ônibus uma senhora e dois filhos. Aquele ponto de ônibus na Baixada Fluminense era empoeirado, num lugar onde "desovar" é o verbo mais conhecido que produz manchetes constantes em jornais. Eu ficava observando que ela ajeitava a gola do uniforme do menino brigava com o outro e dava-lhe as recomendações que acho copiadas de alguma outra mãe. Quando o ônibus aproximava-se ela, ao invés de levantar o braço em posição vertical com seu dedo indicador para sinalizar que desejava pegá-lo, levantava o polegar em posição que a chamada "jovem guarda" denominou de "papo firme" ou "tudo legal". O motorista, percebia aquele sinal e fazia o mesmo sinal ou mostrava o polegar para baixo (sinal de "papo furado" ou tudo errado). Nos dias em que o motorista fazia com o polegar "papo firme" abria a porta dianteira

Solange Castellano Monteiro*

do ônibus e os dois meninos entravam pela frente e jogavam um beijo para sua mãe. No dia em que o motorista fazia o sinal de "papo furado" eles discutiam quem iria para a escola naquele dia e somente um entrava pagando a passagem do ônibus. A mãe sempre voltava para casa, apressada e de cabeça baixa com um dos meninos e ia consolando-o ao sair daquele ponto de ônibus. Todos os dias eu assistia àquela mesma cena... Era uma lição que eu não entendia muito mas intrigava-me... Os meninos estudavam em uma escola pública que ficava depois do rio, divisa do município. Estudar depois do rio é a alegria de ter conseguido vaga ou de estudar em uma escola "forte", que por aqui significa ter "status"! Porém, estudar depois do rio é também depender de ônibus que percorre pequenas distâncias mas com um preço "danado de caro"! Um dia, os jornais noticiaram que um menino foi retirado do ônibus quando voltava da escola e foi tão espancado pelo segurança da empresa de ônibus que ficou dias no hospital até que não resistiu e morreu. Tive uma sensação esquisita. Não é que eu

conhecesse aquele menino; não é também que percebesse a dor da família, nem mesmo vi a foto do menino estampada nos jornais mas sabia que aqueles dois que ficavam no ponto do ônibus todas as manhãs podiam passar por aquela situação e que tantos outros pontos de ônibus existiam até a atravessar o rio.

Durante alguns dias fiquei a esperar vários ônibus para ver se aquela cena que assistia todos os dias acontecia... Queria que como estivesse a ver um filme pudesse voltar a fita para o ponto desejado. Passaram-se vários dias e não encontrava aqueles três. Houve dias que cheguei até atrasada no serviço com a esperança de aqueles três não terem percebido o tempo passar ou que o relógio despertador tivesse parado. Pensei que deveriam ter desistido de estudar depois do rio mas escola naquele lugar ainda é insuficiente; pensei que estariam doentes; pensei na possibilidade de eu estar, até, em ponto errado... Na verdade eu desejava vê-los ardentemente e, com franqueza, sentia-me arrepiada de estar todos os dias naquele ponto de ônibus. A dúvida de não saber o que tinha acontecido, o medo de ter sido um dos meninos que morrera, imaginar o sofrimento daquela mãe caso tivesse morrido um dos filhos... tudo isso não saía de minha mente. Não queria ter percebido aquelas cenas diárias e ficava a pensar no meu envolvimento com algo que "não me afetava" em nada. Passei a transpirar uma tristeza em todos os meus espaços.



Certo dia ao voltar do almoço, numa rua do centro da cidade, olhei as escadarias do Palácio Tiradentes e percebi um número imenso de estudantes fazendo "arruaça" com bandeiras, cartazes, cantando músicas com letras desconhecidas... Tinha um enorme carro de som do Sindicato dos Ferroviários. Observei, como naquele ponto de ônibus, e fiquei um pouco parada para tentar entender aquela "bagunça" que fechou o trânsito na rua em horário de enorme movimento. Por mais que eu prestasse atenção não conseguia compreender o motivo daqueles estudantes não se encontrarem cantando o hino nacional nos pátios escolares ou estar lendo o livro de história na sala de aula.

De repente, ao voltar o olhar para o carro de som, vi aquela mãe do ponto do ônibus com seus dois filhos fazendo um discurso que relatava cada momento das cenas diárias assistidas por mim em cada manhã naquele local. Meu coração disparou que parecia saltar do peito. Eu nem acreditava... Era ela e seus dois filhos mesmo! No impulso de minha emoção corri para aquela carro de som, abracei os três e só dizia ao microfone: "O que ela está falando é verdade! É a pura verdade! Eu assisti tudo isso a cada manhã!"

Saí de perto do carro de som com lágrimas em meu rosto e um coração que não cabia de tanta alegria... Aquela mãe e seus dois filhos podiam não entender nada mas voltei para o trabalho e para casa, naquele dia, com um sorriso que também deixou as pessoas de

minha convivência sem entender absolutamente nada porque resolvi não contar que aquela mãe e aqueles dois meninos, foram quem de fato me ensinaram o que é cidadania. Ensinaram que ter direito de estudar, direito de ir e vir, direito a vida digna e amor a uma pátria não se aprende cantando hino no pátio da escola nem lendo livro de História na sala de aula. No entanto, foi exatamente o que me ensinaram na minha vida escolar para achar natural que "Se todo aluno da rede pública deixar de pagar passagens os empresários não poderão comprar pneus novos para seus ônibus." Daquele dia em diante os jornais não noticiaram mais nada a respeito. No entanto, só sei dizer que hoje aquela mãe não precisa mais levar seus filhos ao ponto de ônibus.

NÃO QUEIME SUA VIDA



TABACO
VIVA SEM



foto

A foto de Michel Porro, da Getty, publicada pela revista Época, revela desespero de manifestantes, na Holanda, que costuraram as próprias bocas e olhos num simbolismo fortemente impactante.

fato

O Parlamento holandês aprovou por 83 votos contra 57 a nova legislação proposta pela política xenófoba do primeiro-ministro Jan Peter Balkenende, que levará à expulsão de 26 mil imigrantes "ilegais", em sua maioria fugitivos de países em guerra, principalmente afegãos, iraquianos e iugoslavos.

razão

A onda conservadora que se expande pela Europa, implantando governos de direita ou centro-direita, é alimentada pelas contradições do modelo econômico liberal globalizado, que reduz empregos e renda, gerando manifestações xenófobas e até algumas de inspiração confessadamente nazista. Os estrangeiros refugiados das guerras e da miséria em seus países de origem, buscam oportunidades de sobrevivência em países ricos, aceitando condições de salário e trabalho indignas, concorrendo com a mão-de-obra local que não as aceitaria. O modelo neoliberal não oferece solução para essa crueldade de dimensão planetária.

A pedagogia de Jesus de certo modo se distanciava daquela de João Batista. A linguagem do Batista era explícita, clara, direta: "Quem tiver duas túnica dê uma...". Aos soldados: "Não pratiqueis a violência...". Aos agentes do fisco romano: "Não cobreis o que não é devido..."

A pedagogia de Jesus

A linguagem de Jesus configurava sobretudo um apelo ao raciocínio, à criatividade, um desafio direcionado a diversificadas situações. Ao invés de deter-se em doutrinação moral ou na casuística interpretativa, Jesus buscava estimular em seus ouvintes a consciência existencial, o senso crítico, a capacidade decisória: "Julgai por vós mesmos..."

Era objetivo seu fazer os ouvintes pensarem, tirarem suas próprias conclusões, abrirem-se à verdade latente nas profundezas do coração humano. Em vez de dar respostas teorizantes a interrogações como a referente à definição de próximo, preferia contar uma estória em que um herege (o samaritano) exerce a compaixão, ao passo que dois homens ligados ao culto divino (o sacerdote e o levita) seguem apressados, sem "desperdiçar" tempo na prestação de socorro a um homem ferido à

beira da estrada. Para mostrar como age o amor do Pai, conta a parábola do filho pródigo, da ovelha desgarrada e da moedinha perdida... Para evidenciar qual a oração que agrada a Deus, compara a prece de um publicano pecador com a de um fariseu formalmente ilibado. Para ilustrar a receptividade da palavra de Deus e os obstáculos que se lhe opõem, narra a parábola do semeador. É a pedagogia do conto, da parábola, da comparação. O seu ensinamento é feito mediante referência a objetos, usos, práticas, fenômenos conhecidos pelos ouvintes: Elementos domésticos,

Lavar os pés dos seus discípulos foi um ato mais eloquente que mil discursos, confirmando a disposição humilde para o serviço aos outros que deveria marcar a prática da fé entre os cristãos, tantas vezes substituído pelo exercício do poder autoritário.



pedra, peixe com escorpião, vontade de viver com aceitação de morrer, a paz com a espada, o ódio com o amor.

E, por ter certeza de que o homem é um ser capaz de refletir e de tomar decisões próprias, resistia a explicar o sentido das parábolas, raramente o fazendo. Sua pregação levava o auditório a ultrapassar as dimensões da verdade enclausurada na letra da Escritura, convidando os ouvintes a perscrutar "os sinais do tempos", a ler nos acontecimentos os desígnios de Javé, em suma, a praticar a leitura dos dois livros: o da vida e o da palavra de Deus.

*Advogado

- ❖ Aprendemos, com Jesus, a integrar a fé e a vida? O que isto significa?
- ❖ Somos seguidores de alguém que escolheu o messianismo de serviço, frustrando os que esperavam um messias com poder político e religioso. O que isto significa e exige de cada cristão, dos laicos e do clero?

"Aprendemos a voar como pássaros e a nadar como peixes, mas não aprendemos a conviver como irmãos." (Martin Luther King)

Não fique tão sério...

10 homens e 1 mulher

Havia onze pessoas penduradas em uma corda num helicóptero. Eram dez homens e uma mulher. Como a corda não era forte o suficiente para segurar todos e para evitar a queda de todos eles, decidiram que um deles teria que se soltar da corda.

Eles não conseguiram decidir quem, até que, finalmente, a mulher disse que se soltaria da corda pois as mulheres estão acostumadas a largar de tudo pelos seus filhos e seu marido, dando tudo aos homens e recebendo nada de volta.

Quando ela terminou de falar, todos os homens começaram a bater palmas...

Apego aos bens materiais

Um advogado estacionou seu Mercedes novo em folha na frente de seu escritório, pronto para mostrá-lo para seus colegas.

Logo que ele abriu a porta para sair, um caminhão passou raspando e arrancou completamente a porta. O advogado atordoado usou imediatamente o seu telefone

celular, discou 190 e dentro de minutos um policial chegou.

Antes que o policial tivesse uma oportunidade de fazer qualquer pergunta, o advogado começou a gritar histericamente que a Mercedes, que ele tinha comprado no dia anterior estava agora totalmente arruinada e nunca mais seria a mesma. Iria processar o motorista, Deus e o mundo, fazer e acontecer, afinal era doutor, etc, etc.

Quando o advogado finalmente se acalmou, o policial agitou sua cabeça em desgosto e descrença.

"Eu não posso acreditar no quanto materialistas vocês advogados são", ele disse: "Vocês são tão focados em suas posses que não notam mais nada."

"Como você pode dizer tal coisa? Você tem noção do valor de uma Mercedes?" - pergunta o advogado.

O policial respondeu:
"Você não percebeu que perdeu seu braço esquerdo? Está faltando do cotovelo pra baixo. Ele deve ter sido arrancado quando o caminhão bateu em você".

"Droga!" - berra o advogado.
"Lá se foi também o meu Rolex!!!"



Por isso as obras sempre atrasam: enquanto um trabalha, dezoito ficam só olhando.

A piscina

Um milionário promove uma festa em uma de suas mansões e, em determinado momento, pede que a música pare e diz, olhando para a piscina onde cria crocodilos australianos:

"Quem pular na piscina, conseguir atravessá-la e sair vivo do outro lado ganhará meus carros e meus aviões. Alguém se habilita?"

Espantados, os convidados permanecem em silêncio e o milionário insiste:

"Quem pular na piscina, conseguir atravessá-la e sair vivo do outro lado ganhará meus carros e meus aviões. Alguém se habilita?"

O silêncio impera e, mais uma vez, ele oferece:
"Quem pular na piscina, conseguir atravessá-la e sair vivo do outro lado ganhará todos os meus carros. Alguém se habilita?"

Neste momento, alguém salta na piscina. Cena impressionante. Luta intensa. O destemido se defende como pode, segura a boca dos crocodilos com pés e mãos, torce o rabo dos répteis. Nossa!!! Muita violência e emoção. Parecia filme do Crocodilo Dundee!

Após alguns minutos de terror e pânico, sai o corajoso homem, cheio de arranhões, hematomas e quase despidos. O milionário se aproxima, parabeniza-o e pergunta:

"Onde quer que lhe entregue os carros?"

"Obrigado, mas não quero seus carros.

Surpreso, o milionário pergunta:

"E os aviões, onde quer que lhe entregue?"

"Obrigado, mas não quero seus aviões".

Estranhando a reação do homem, o milionário pergunta:

"E as mansões?"

"Eu tenho casa, não preciso das suas. Pode ficar com elas. Não quero nada que é seu".

Impressionado, o milionário pergunta:

"Mas se você não quer nada do que ofereci, o que quer então?"

E o homem respondeu irritado:

"Só quero achar o &%\$# que me empurrou na piscina!!!"

Moral da história: somos capazes de realizar coisas incríveis, desde que alguém nos dê um empurrãozinho.

Festa de aniversário

Na ante-véspera do seu

aniversário, o velho pai de família, um tremendo "mão fechada", liga logo cedo para seu filho e lhe diz:

- João, eu odeio ter que estragar seu dia, mas tenho que dizer-lhe que sua mãe e eu vamos nos divorciar, depois de 45 anos de convivência.

- Papai, o que você está dizendo?

- Vamos nos separar e acabou. Ligue para sua irmã e conte a ela. Desvairado, o rapaz liga para a irmã que explode no telefone.

- De jeito nenhum meus pais irão se divorciar!! Deixe comigo.

Ela liga e pede para chamar o pai. Quando o velho atende ela diz gritando:

- Não façam nada até nós chegarmos aí amanhã, ouviu? O velho colocou o fone no gancho, virou-se para a mulher e disse:

- Pronto, Jurema, eles virão para a minha festa e não teremos que pagar as passagens!

Médico

O homem foi ao médico, acompanhado da esposa. O problema não era grave. O médico receitou um supositório e lhe deu uma amostra que tinha no armário.

O cliente nunca tinha usado nem visto usar um supositório.

Examinou o objeto e pediu ao médico:

- Como se usa isto, doutor?

O médico escolheu as palavras científicas para explicar:

- Basta introduzir este pequeno cilindro no ânus, senhor.

- Não entendo, doutor. O que o senhor quer dizer com introduzir?

O que isto tem que ver com os meus anos?

O médico, vendo que a ignorância era total, mas respeitando a esposa presente, puxou a cabeça do cliente e lhe explicou, no ouvido, com três palavras.

O homem assustou-se:

- O doutor zangou-se???

Casas para cristãos

O dono colocou um anúncio no jornal:

"Tenho casas para alugar - somente para cristãos".

No dia seguinte, apareceu um interessado. O dono das casas, um cara muito mal educado, o atendeu:

- O que é que o senhor deseja aqui?

- Eu to querendo alugar a casa do senhor!

- Sei, sei! E qual o seu nome?

- David!

- David, do que?

- David Rosenberg!

- Não, não, não! Eu não alugo casa para judeu! O senhor não sabe ler?

Não viu escrito lá que eu só alugo casa para cristãos?

- Eu sou judeu, mas sou cristão...
- Que isso, rapaz! Pensa que eu sou idiota? Não existe judeu cristão!

- Mas eu garanto pro senhor. Eu sou judeu e sou cristão!

- Ah, é! Então eu vou fazer um teste com você. Vamos ver se você é cristão mesmo! O que é que tem dentro da Igreja Católica?

- Tem o altar...
- O que mais?

- Tem o confessionário...

- Jesus é filho de quem?

- De José!
- E de quem mais?

- De Maria...
- E onde nasceu Jesus?

- Em Belém!

- Eu sei que foi em Belém! Eu tô falando do local, a casa!

- Não era uma casa! Era uma manjedoura...

- E por que, numa manjedoura?

- Porque naquela época, já existia gente ruim e preconceituosa que nem você, que não alugava casa pra judeu!...

Leia e assine *Rede*

- uma análise mensal da conjuntura política, econômica, social e eclesial, nacional e internacional.

Escrevem Alino Lorenzon, Antonio Carlos Ribeiro, Andréa Paes Alberico, Beatriz Lorenzini, Frei Betto, Frei João Xerri, Guilherme Delgado, Helio Amorim, Helio Saboya, Jether Ramalho, João Whitaker Ferreira, Leonardo Boff, Lilia Azevedo, Marcelo Barros, Marco Antonio, Marieta Sampaio, Moema Miranda, Plínio Arruda Sampaio, Rubem Alves, Selma Amorim, Thomaz Ferreira Jensen, Victor Valla, Virgílio Uchoa,

Basta telefonar para a Rede de Cristãos das Classes Médias e receber instruções sobre a forma mais cômoda de pagamento. Tel (0**24) 2242-6433

O riso é próprio do humano

Ivone Gebara*

É bem cedo ainda e o ônibus para o centro de Recife está repleto de passageiros. Nem todos conseguiram entrar e o ônibus já prepara-se para arrancar, acelera uma vez, e mais uma com força ruidosa e nervosa parece começar a mover-se. Finalmente, mais um passageiro consegue entrar apertando-se e segurando-se nos corpos dos outros. Os que continuam no ponto são incensados pela fumaça negra de diesel maculando as camisas brancas e os corpos recém-saídos do chuveiro. Apesar dos pesares é preciso continuar firme, à espera do próximo ônibus.

A porta fecha-se com força e esforço. Mas, a porta não vê e, infelizmente o braço do último passageiro fica fora. Ele grita, outros gritam, muitos gritam: "Pare motorista! Pare motorista!" O ônibus pára, abre a porta, e felizmente o braço é salvo apesar de algumas manchas avermelhadas que ficaram como lembrança. Mas, a agitação dentro do veículo era grande, como se outro incidente estivesse prestes a acontecer. De repente uma voz masculina e jovem se faz ouvir: "Bem feito companheiro! Porque

não deixou seu braço em casa! Quem mandou trazer o braço para o ônibus!" risada geral, risada contagiente! Alguns riem da risada dos outros. Até o acidentado ri.

Segue-se então o momento narrativo comum. Muitos passageiros tinham uma história trágica para contar, história parecida com o sucedido e esta virava imediatamente motivo de riso. As histórias se misturavam e ficava um pedaço de uma, um pedaço de outra nos ouvidos dos que conseguiam ouvir. Ninguém mais falava do calor, do incômodo da superlotação, das sacudidelas causadas pelos buracos das ruas.

O humor trágico tornou o dia mais bonito, a viagem mais agradável, as caras mais distendidas, embora sem apagar a tragicidade da vida. O humor não faz esquecer, apenas abre uma pausa na dor de cada dia. O humor não resolve problemas, apenas nos dá condições subjetivas para encará-los com mais serenidade

Este é o humor ou o riso trágico, riso comum que experimentamos no cotidiano de

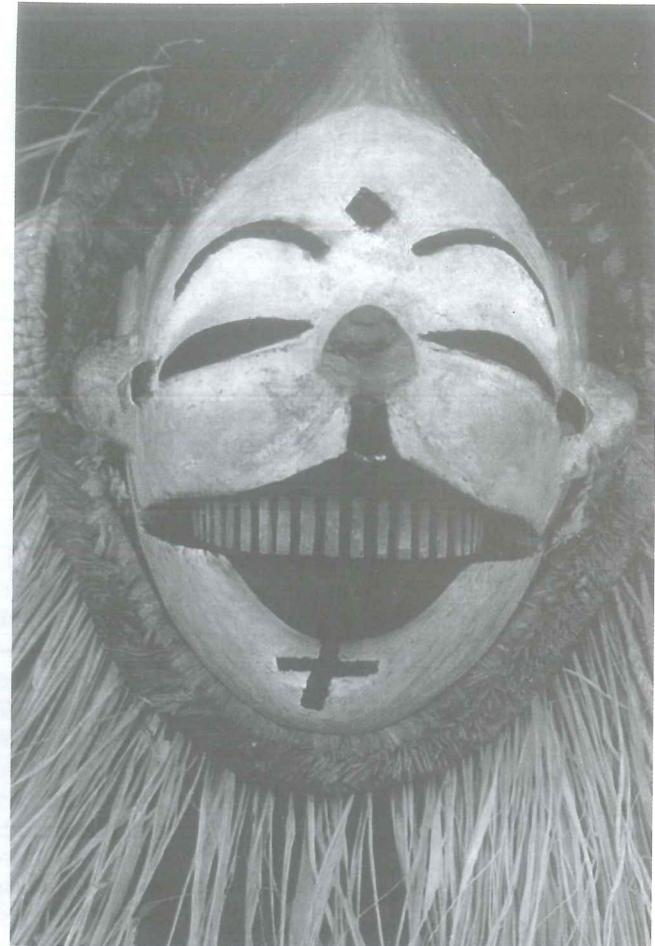
nossa existência. É o riso que ajuda a agüentar os sofrimentos e os medos da vida. É a risada que relativiza as coisas, que ridiculariza os poderosos, os bêbados, os estropiados; risada que nos torna mais simples e até talvez, mais amáveis aos nossos próprios olhos.

Rir é o melhor remédio, diz o ditado popular. Rir de si, das outras, dos outros, rir do que construímos, do que pensamos, do que somos e do que pensamos que somos. Rir nos devolve a medida do que é ser simplesmente humano.

Haveria outros risos, menos trágicos, menos marcados pela dor que podem ser observados na vida dos grupos humanos? Sim e tantos quantos possamos imaginar! Há o riso da beatitude, o riso da gratuidade, o riso da conquista da terra, o riso da saciedade, o riso da beleza, o riso do prazer, o riso do amor, o riso da criança e tantos outros para expressar esta dimensão própria do ser humano.

Há o riso interior, o riso exterior, o riso solitário e o riso conjunto. Há o riso, o sorriso e a gargalhada. Há o riso forçado, o riso amarelo, o riso irônico, o riso debochado, o riso formal, o riso educado, o riso triste... Haverá um riso religioso?

O riso foi pouco desenvolvido na espiritualidade cristã. As lágrimas e os lamentos foram sempre mais abundantes. Era preciso chorar



sobre nossos pecados e alegrar-nos apenas com o futuro celeste. Era preciso entristecer-nos por nossas inúmeras culpas e esperar contritos a magnanimidade divina. O ser humano que chora chama mais atenção do que o que ri. Para o cristianismo as lágrimas são no próprio homem!

Deus sempre foi sério.

Deus não brinca e portanto não se pode brincar com Deus. Deus dá medo ou ao menos provoca temor. Religião é coisa séria muito embora algumas poucas vezes possa provocar alegrias. Mas são alegrias ditas espirituais!

Desde o tempo dos Padres da Igreja, o gozo da vida e a sexualidade foram considerados ofensivos à herança cristã. A vida sexual se converte pouco a pouco em tristeza e contaminação pecaminosa. Esta marca se estendeu até os dias de hoje, embora o mundo tenha vivido múltiplas revoluções sexuais. As oposições dualistas continuam habitando nossos corpos e nossas mentes. Continuamos mais ou menos convencidos, sobretudo os teólogos, de que o riso e o prazer apesar de serem próprios do humano podem ser uma armadilha que o levaria à perdição.

No catolicismo raros foram os santos apresentados sorrindo, raros foram os santos que tiveram uma vida prazerosa considerada positivamente. Ao contrário, a maior parte das hagiografias, assim como na arte sacra é cheia de dores, sofrimentos e sacrifícios. A

arte religiosa é trágica. As expressões dos mártires são pintadas ou esculpidas por meio de formas sérias e sofridas ou quanto muito absortas em universos interiores que nos faziam pensar nas realidades para além da terra. Só no além o alívio para este "vale de lágrimas" é possível. Só no além as lágrimas serão absorvidas num estado de beatitude que só os ícones foram capazes de retratar. Os olhares fixos num além desconhecido, feições estáveis que não denunciam nem dor nem prazer.

O Cristo crucificado, o Senhor das dores, o Senhor ensanguentado e morto, o Senhor quase sucumbindo ao peso da cruz são as imagens que povoam o mundo de nossas memórias religiosas e, até mesmo da memória protestante popular. A Maria, mãe de Jesus, chorando ao pé da cruz, a Maria do coração traspassado por sete espadas, a Maria, Pietá acolhendo o filho morto nos braços...esta se assemelha às tantas Marias sofridas pelo mundo afora.

A religião está crivada de dor e de sofrimento. Estampando a tragicidade do sofrimento humano, parece, como diria Feuerbach, lembrar a necessidade de consolo, de alívio num mundo sem coração. Rir de prazer não era sinal de santidade. Os amantes da vida, os que buscavam vivê-la com alegria eram suspeitos de terem parte com o demônio. O demônio sim, este era festeiro, este gostava de dança, este gostava de vinho e de sexo.

Assimilamos o sofrimento a Deus e às coisas de Deus. O sofredor augea-se a Deus. Mas, o "gozador" augea-se a seu próprio gozo ou como diz a tradição popular ao próprio demônio. O demônio parece gostar de rir, de festa, de prazer, de cachaça, de dança. É menos sério do que Deus e por isso está sempre metido nas confusões humanas. O demônio é mais parecido conosco do que Deus. Por isso fomos capazes de desenhar uma imagem feia do diabo, uma mistura de homem e animal. O diabo é nossa imagem.

Entretanto, não fomos capazes de imaginar Deus ou quando o fizemos o assimilamos a um velho de barbas e cabelos brancos acima de todos os seres, um velho sem Eros, sem paixão presidindo o mundo em meio a nuvens brancas que às vezes se confundem com suas barbas. E o cristianismo não disse que somos "imagem e semelhança de Deus"? De que Deus? Precisamos ao longo dos séculos negar nossos prazeres e nosso riso para nos aproximarmos dessa imagem divina!

Embora se diga que rir é próprio do humano, somos animais tristes. Fomos expulsas do paraíso. E mais do que expulsas, amaldiçoadas. E mais do que amaldiçoadas, condenadas a viver sob o peso de nossas necessidades. Fomos de certa forma cortadas de nossa harmonia primeira e da harmonia conosco mesmas. Por isso, vivemos errantes e dominadas pela vontade de prazer e pela necessidade de sobreviver.



Vivemos na corda bamba, um passo em falso e caímos... Fora do paraíso a fragilidade é nossa condição! Por isso podemos rir, mas um riso breve, sóbrio, limitado. Nossa "próprio" riso foi controlado pela ideologia da seriedade e do antiprazer!

O Deus Ordenador é sério. Sua lei deve ser cumprida e nela não parece haver lugar para o gozo. Deus não ri. Deus cria. Deus ordena. Deus julga. Deus salva, apesar de descansar no sétimo dia! E seus ministros conhecem sua vontade e sabem como impô-la a seus fiéis. Seus ministros sabem como controlar o riso e o prazer, sabem dosar a medida certa para que as "ovelhas" não saiam do rebanho.

Expulsos do paraíso pela tentação consentida, pela fraqueza

feminina, pela cumplicidade masculina. Esta é nossa condição! Não se pode mais voltar ao paraíso nesta vida, nesta história. A história não é paraíso, embora o tenhamos na lembrança, embora o tenhamos com sonho impossível a nutrir nossas mínimas possibilidades de felicidade.

Somos o que fizeram de nós. E do que nos foi entregue podemos mudar apenas formas, tonalidades, mas a matéria saudosa de paraíso continua a mesma. E a saudade do paraíso pode levar à vida e à morte, pode levar ao individualismo egoísta e ao sentimento do outro como meu eu e meu próximo. A saudade do paraíso pode levar ao ódio disfarçado de amor ou ao amor disfarçado de ódio. Posso ser Hitler ou Bush e posso ser Gandhi ou uma avó da Praça de Maio.

Paraíso perdido, amor perdido, objeto perdido de um sem fim! Riso, misturado à mistura da vida! Rir é próprio do humano. Há que rir ou tentar rir, ao menos em pensamento, rir do humano que somos sem saber porque somos o que somos.

Jogo de palavras? Jogo da vida num tabuleiro de xadrez? Buscamos no riso formas de salvar nossa dignidade, formas para redefinir nossa identidade humana. É como se diante da violência que

nos rodeia, que nos habita e tece, quiséssemos voltar à memória de quem somos: somos amantes, ridentes, sedentas de justiça e igualdade. Mas, somos também assassinas, injustas e mentirosas. E nesse somos tão misturado, tão frágil e passageiro queremos pelo riso resgatar o melhor que existe em nós mesmas.

Ao pensar no riso embora não estejamos rindo queremos simplesmente vislumbrar a possibilidade de encontrar de novo nossa alma de encontrar de novo uma razão de ser que nos devolva um "coração de carne". Reaprender a rir com as coisas belas da vida, reaprender o humor presente no cotidiano nos dará talvez forças para seguir viagem. Não resolve o problema da violência no trânsito, da falta de emprego, da jovem estuprada, braço ferido pela porta do ônibus, do filho chorando de fome, das decepções políticas, mas alivia, ajuda a respirar e a respirar melhor.

Precisamos nos ajudar a aprender a rir para ver se algo novo pode nascer de nosso riso. Rir porque a mesa está farta, rir porque em breve a criança esperada vai nascer, rir porque amanhã é dia de colheita, rir porque Deus ri com a nossa risada.

*Teóloga

Santo Ambrósio proibiu a celebração das missas naquele domingo. O povo encontrou as igrejas fechadas e o aviso do bispo: "Não temos o direito de celebrar a eucaristia neste domingo. Hoje um irmão nosso morreu de fome".

LIVROS

"Elementos de Antropologia Teológica"

"Salvação Cristã: salvos de quê e para quê?"

O novo livro do Pe. Alfonso García Rubio torna cada vez mais acessível aos cristãos laicos a compreensão da natureza humana, segundo o projeto de Deus, para que sejamos, de fato, adultos na fé. O autor se dedica, há quatro décadas, ao ensino da fé para laicos e religiosos, em sua cátedra universitária de teologia, na PUC-Rio de Janeiro, e nos inumeráveis cursos que tem ministrado em todo o Brasil e no exterior. Como assistente nacional do MFC, marcou profundamente a formação de uma geração de laicos atualmente atuantes nesse e em outros movimentos eclesiais. Os laicos são os destinatários privilegiados dos seus livros, pela linguagem acessível e o talento didático, não muito comuns entre doutores em teologia.

A leitura desta nova obra vai aprofundar e ampliar a visão dos cristãos sobre o Homem, imagem e semelhança de Deus.



Alfonso García
Rubio

ELEMENTOS DE
ANTROPOLOGIA
TEOLÓGICA

SALVAÇÃO CRISTÃ:
SALVOS DE QUÊ
E PARA QUÊ?

EDITORA
VOZES

Outros livros do autor:
"Unidade na Pluralidade" (Loyola)
"Nova Evangelização e Maturidade Afetiva" (Paulinas)
"Teologia da Libertação: Política ou Profetismo?" (Loyola)

Moisés o servidor de Deus

Os semitas constituem um dos povos mais religiosos de toda a terra. Dentre as quatro grandes tradições religiosas presentes no mundo atual, três encontram suas raízes entre os povos semitas: o judaísmo, o cristianismo e o islamismo. E em todas estas três tradições Moisés aparece como um personagem religioso decisivo, o fiel enviado e servidor de Deus.

As informações que cobrem sua existência restringem-se aos livros "históricos" da Bíblia, sobretudo o Pentateuco. Segundo a narrativa bíblica mais antiga, denominada Javista (século IX aC), Moisés teria nascido no Egito em torno do século XIII aC (por volta de 1280 aC). Os seus ancestrais pertenciam aos clãs de nômades que compunham o povo de Israel e que buscaram as terras férteis do Egito para se proteger contra a miséria e a fome.

Ao longo do processo histórico estes residentes estrangeiros foram transformados em escravos no Egito e alimentavam a intenção de voltar para a sua terra. O relato bíblico situa Moisés como aquele que sustentou e realizou o projeto da volta para a Palestina, aquele

que articulou o clamor dos filhos de Israel a Deus (YHWH ou Iahweh).

Sua vocação vem marcada pela tônica da gratuidade e da profecia: da gratuidade de quem tira as sandálias para contemplar o mistério de Deus na sarça ardente (Ex 3,5), e da profecia que constitui o desdobramento da contemplação mediante o gesto da missão libertadora convocada por Deus: "Vai, pois, e eu te enviarei ao Faraó, para fazer sair do Egito o meu povo, os filhos de Israel" (Ex 3,10).

A montanha do Sinai, espaço de encontro de Moisés com Iahweh, pode ser identificada como o "lugar simbólico" de ratificação de uma Aliança instaurada por Deus com os filhos de Israel.

A grande revolução associada ao nome de Moisés relaciona-se à transformação do conceito de divindade. A intenção de Moisés não se resumia ao projeto de conduzir os filhos de Israel para a Palestina, mas sobretudo de conduzi-los à união com Iahweh e só a Iahweh.

Ocorre, assim, uma radical transformação na maneira de conceber a divindade. Até então, os sistemas religiosos existentes eram francamente politeístas e antropomorfistas. Moisés introduz uma novidade excepcional ao afirmar a relevância de Iahweh com respeito às outras divindades existentes.

Inaugura-se com ele um "henoteísmo rigoroso e cíumento", ou seja, uma forma singular de politeísmo que, sem negar a existência de outros deuses, busca

cultuar uma única divindade: "Não terás outros deuses diante de mim" (Ex 20,3); "Não te inclinarás diante desses deuses e não os servirás, porque eu, Iahweh, teu Deus, sou um Deus cíumento..." (Ex 20,5).

É no processo de evolução secular deste henoteísmo original que a religião de Israel encontrará sua dinâmica mais importante, singular e prodigiosa, com o monoteísmo absoluto configurado no século VII aC no livro do Deuteronômio, meio milênio depois de Moisés.



Com Moisés, a forma de conceber lahweh será igualmente bem distinta daquelas que configuravam as potências divinas conhecidas até então. Trata-se agora de um Deus sublime e majestoso, de um Deus sempre maior e distante dos seres humanos, que não pode ser representado sob forma alguma.

A crítica ao antropomorfismo revela-se na recusa a dar um rosto a lahweh. Moisés proíbe as imagens e tudo aquilo que pudesse evocar a "humanidade" de lahweh. Esta nova visão religiosa vem igualmente animada por grande profundidade espiritual. Como sublinha Jean Bottéro, um dos maiores historiadores das religiões semitas, Moisés inaugura uma compreensão de Deus "verdadeiramente transcendente", um Deus do coração, diverso de toda e qualquer representação humana, um Deus que rompe as explicações químéricas e que simplesmente existe, está presente: "Eu sou aquele que é" (Ex 3,14).

Esta expressão bíblica encontra semelhança com o nome próprio de Deus, YHWH, que na tradição bíblica tornou-se impronunciável, sendo substituído por Adonai (O Senhor). Esta imagem transcendente de Deus será inspiradora para os místicos das três grandes tradições monoteístas: do Deus que se manifesta sempre com véus, condição essencial para captar-lhe

a beleza. A transcendência explosiva do mistério de Deus impossibilita qualquer visão direta. O livro do Corão relata de forma singular esta questão ao tratar do encontro de Moisés com seu Senhor:

Ó Senhor meu, permite-me que Te contemple! Respondeu-lhe: Nunca poderás ver-Me! Porém, olha o monte e, se ele permanecer em seu lugar, então Me verás! Porém, quando a majestade do seu Senhor resplandeceu sobre o Monte, este se reduziu a pó e Moisés caiu esvanecido. E quando voltou a si, disse: Glorificado sejas! Volto a Ti contrito, e sou o primeiro dos fiéis (Corão 7, 143).

Com Moisés transforma-se igualmente o culto a esse Deus sem imagem. A centralidade não está mais nas oferendas, sacrifícios ou ceremoniais que busquem satisfazer as necessidades de lahweh, que não tem necessidade alguma, mas no seguimento de sua vontade na história. Segundo Moisés, a forma de dedicar-se a Ele está associada à obediência de sua vontade, ou seja, à conduta correta.

Firmam-se, assim, os dois traços essenciais da singularidade da dinâmica religiosa instaurada com Moisés: a afirmação do Deus transcendente e a religião moral.

* Teólogo, professor de PPCIR-UFJF

"Roubar idéias de uma pessoa é plágio. Roubar de várias, é pesquisa..."

Bate-papo

Agora que acabamos com o Iraque, o que faremos?
Hmmm...assistir a um rodeio?
Não é disso que estou falando, senhor. Digo, pra manter a indústria bélica do país ganhando dinheiro...

Ver um rodeio com caubóis atirando nos cavalos?
Não, senhor!!! Digo a indústria que alimenta nosso exército, criando as armas mais letais já inventadas, o que torna a nossa nação a maior polícia do mundo.

Ah, isso...sei lá...Você sabe que eu não tenho cabeça pra esse tipo de coisa...

É eu sei...

Ahn?

Nada, senhor... Eu tenho uma idéia...

Tem a ver com rodeios, cavalos, vacas ou fazendas?

Infelizmente não, senhor...

Ah...e no que você está pensando...

Tem a Amazônia...

Quem tem? Eu?

Não, senhor! A Amazônia, no Brasil, pode ser nosso novo alvo. Só precisamos de mais uma desculpa qualquer pra invadir o país...

E qual seria? Armas químicas escondidas? Já funcionou antes...

Ahn...não acredito que essa vá ser muito justificável, senhor. Pensei em justificar a invasão como a Amazônia sendo uma rota para o tráfico internacional ou por abrigar guerrilheiros das Farc...

O que é dasfarque?
As FARC, senhor...os guerrilheiros da Colômbia...

Colômbia? Mas esse não foi um dos ônibus espaciais que explodiram?

Não, senhor...Essa foi a Colúmbia...
Que seja, que seja! Se você acha que vale a pena... Mas e a ONU?
Ela não vai encher o saco de novo?

Provavelmente...mas se já a ignoramos uma vez, não tem problema ignorar de novo...

Ótimo, ótimo...e o que vamos ganhar com isso?

Uma área gigantesca onde podemos explorar uma variedade enorme de recursos naturais...

Só isso?

Não, senhor...o senhor vai poder ter uma fazenda enorme por lá, pra caçar, pescar e até pra domar cavalos..

Sério? Jura?

Claro, senhor...

Oba! Então tá! Vamos começar isso agora mesmo!

Como falar hoje da Cruz de Cristo

Marcelo Barros*

A celebração da morte e ressurreição de Jesus não tem como finalidade apenas lembrar o que aconteceu há dois mil anos.

Proclamar que a doação que Jesus fez de sua vida é a boa notícia e tem consequência importante para a humanidade do século XXI.

E' importante ampliar o conceito de cruz e de morte: Morte não é só o último momento da vida. É toda a vida que vai se limitando, até sucumbir em um último limite.

Perguntar como Jesus morreu equivale a interrogar-se sobre como ele aceitou o trajeto de vida que o levou até a morte. Ele assumiu a morte quando abraçou tudo o que a vida acarreta: alegrias, tristezas, conflitos e confrontamentos por causa de sua mensagem e testemunho.

A mesma coisa pode-se dizer da cruz: não é só a madeira com a qual é feita, nem apenas uma antiga versão do pau-de-arara ou qualquer instrumento de tortura. A cruz incorpora no sofrimento todo o ódio, violência e crimes da humanidade. Cruz é o que limita a vida, faz sofrer e dificulta o

caminhar quando a gente se defronta com o poder humano de optar pelo desamor.

Cristo não quis a cruz. Várias vezes fugiu para não ser morto. Tentou evitar a cruz para si e para outros. Falou de Deus como amor que faz nascer o sol sobre justos e injustos e manda a chuva tanto para bons como para maus.

Deus não castiga nem obriga ninguém a amá-lo. Deus não mata, nem aceita que haja pessoas marginalizadas e excluídas da sociedade. Jesus se mistura com samaritanos, pecadores e prostitutas. Por isso, indispõe-se com os bem-pensantes da sua época e de todos os tempos.

Em uma sociedade na qual a pena de morte é costume, Jesus pensa: "Se alguém tem de morrer, que seja eu". Entregou-se aos inimigos em troca da liberdade dos discípulos: "Se é a mim que vocês querem, deixem que eles se vão" (Jo 18, 8). Sacerdotes e políticos, Sinédrio e Pretório uniram-se e pregaram-no na cruz.

Jesus chamou seus discípulos a seguirem o mesmo caminho por ele percorrido. A defesa do

pequeno sem vez nem voz continua provocando mal-entendidos e injurias. Ele advertiu: por causa da opção da Cruz, isto é, da solidariedade aos deserdados e excluídos da sociedade, muitos que se diziam amigos, tornam-se adversários e até inimigos impiedosos.

Ao longo da história, a própria hierarquia eclesiástica, investida do poder que não vem do Evangelho, usou a cruz para perseguir pessoas e, embora não tenha dirigido bandeiras e conquistas, foi conivente com os que praticaram violências.

Na Quaresma, há quatro anos, em Roma, diante de uma grande cruz, a mesma que já servira para atos prepotentes e até criminosos como a Inquisição, o papa João Paulo II, em nome da Igreja Católica, pediu perdão a Deus e à humanidade pelos erros do passado. E pediu que os cristãos procurassem corrigir as suas consequências. Celebrar a cruz do Cristo é

ÁGUA

TEMA DA
CAMPANHA DA
FRATERNIDADE
NÃO SE
ESGOTOU EM
2004.
É DESAFIO
PERMANENTE
PARA O FUTURO

comprometer-se para que exista um mundo onde seja mais fácil viver o amor, a paz, a fraternidade, o diálogo entre as pessoas que pensam diferentemente. Isto supõe denúncia contra tudo o que impede a solidariedade e a justiça: nossas cruzes com as quais seguimos o mesmo caminho de Jesus em sua cruz.

O final do caminho, a vitória nos é dada por Deus que nos ressuscita como ressuscitou Jesus.

"Somos de mil maneiras oprimidos, mas não nos abatemos. Somos incompreendidos, mas não desanimamos. (...) Não temos nada, mas é como se possuíssemos tudo" (2 Cor 4, 8 5, 10).

*Monge beneditino, autor de 24 livros, dentre os quais o romance "A Festa do Pastor". Ed. Rede. Fax: 062-3721135. Email: mostecum@cultura.com.br



Metodologia participativa -por que? para que?

Magda Hita e sua Equipe* e Deonira L. Viganó La Rosa **

O homem, um ser social, vive em "comunidades" e se comunica com seus semelhantes em um processo contínuo de relações interpessoais. É por meio destas relações que ele se constrói como ser humano e constrói o mundo. A qualidade de sua vida social se relaciona com a qualidade de suas relações no micro e macro sistemas.

A qualidade e natureza das relações sociais variam em razão do momento histórico e cultural de cada povo e, sobretudo, estão influenciadas pela forma como se organiza o sistema de produção e pelo modelo institucional, econômico, jurídico e ideológico correspondentes.

Da interdependência deste complexo de variáveis resultam relações que podem ser autoritárias, opressoras, dominadoras, alienantes, exploradoras, manipuladoras, paternalistas e assistencialistas, ou democráticas, igualitárias, libertadoras e humanizadoras. Emergem pedagogias educativas,

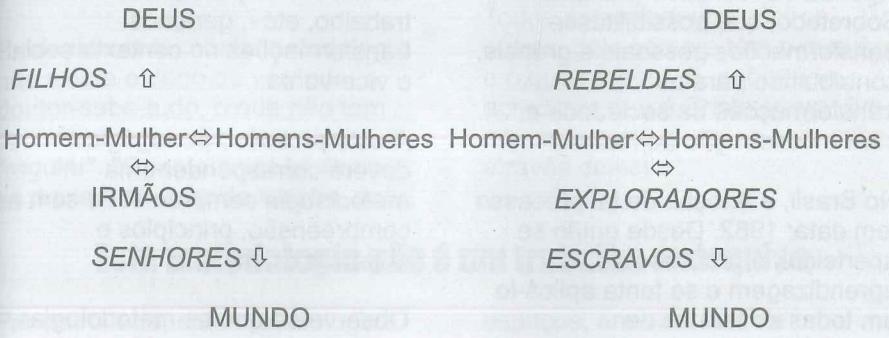
e/ou de produção do conhecimento, ideologicamente a elas adequadas e que objetivam, ao lado de suas propostas explícitas, reproduzir eficaz e subliminarmente tais relações.

Para as pessoas de fé

Para uma pessoa de fé, as relações Deushomemhomemnatureza têm especial sentido. O Criador, ao criar o homem, entregou-lhe o mundo para que reinasse sobre a natureza e tudo o que nela existe, para que desfrutasse dela, transformando-a e transformando-se através do trabalho, para o bem estar de todos e de cada um.

Entretanto, o homem se deu o direito de reverter este plano de Deus, transformando as relações primitivas e pensando ser ele mesmo um deus e isto é o que podemos chamar de "pecado do homem". Pe. Bonifácio Barbosa faz o esquema:

PLANO DE DEUS



Frente à reversão das relações no plano criacional, Deus, em sua bondade, concedeu ao homem um plano de salvação. Neste plano o homem vem construindo sua caminhada histórica, descobrindo o sentido de sua missão e buscando sua concretização. E o faz em meio a acertos e erros, conflitos e contradições.

Mesmo tentando construir relações igualitárias, a humanidade, ao

O Movimento Familiar Cristão

O Movimento Familiar Cristão, à medida que cresce sua compreensão, direciona sua ação no sentido de uma busca contínua da "humanização", - portanto, da construção do Reino - que nada mais é que o Evangelho, a boa notícia pregada e anunciada por Cristo e significando em todos os tempos a luta amorosa pela justiça e pela igualdade em clima de liberdade. Conta com o Espírito que é seu intérprete.

longo de sua história, tem vivido contradicoriatamente as relações de dependência/dominação, em diferentes graus de intensidade.

Este processo conduz necessariamente a situações de injustiça e opressão, gerando pobreza, discriminação, marginalização e exclusão e configurando um quadro de desumanização.

Assim, a exemplo do mesmo Mestre, o MFC se propôs assumir um processo pedagógico que permitisse a compreensão daquelas contradições e favorecesse as transformações sociais. Um processo que desse condições para criar conhecimentos através da confrontação teoria x prática. Que

despertasse a consciência crítica capaz de contrapor-se a uma visão ingênuas da realidade próxima. Sobretudo, que possibilitasse transformações pessoais e grupais, contribuindo para as transformações da sociedade e para a construção do Reino.

No Brasil, a adoção de tal processo tem data: 1982. Desde então se aperfeiçoa o processo de aprendizagem e se tenta aplicá-lo em todas as tarefas de evangelização: encontros de equipes de base, encontros conjugais, encontros com noivos, encontros nacionais, etc. Isso se faz porque se tem a convicção de

que toda vez que transformamos as relações nos pequenos grupos familiares, de paróquias, de trabalho, etc - geramos transformações no contexto social e vice-versa.

A este processo pedagógico deverá corresponder uma *metodologia* comprometida com a compreensão, princípios e objetivos do mesmo.

Observa-se que as metodologias podem proporcionar diferentes graus de participação de seus protagonistas, vinculadas ideologicamente a seus interesses específicos.

Uma metodologia compatível

A *metodologia compatível* com este processo pedagógico busca desenvolver relações democráticas e igualitárias, libertadoras e humanizadoras, capazes de possibilitar o exercício de práticas transformadoras e cristãs.

É uma metodologia dialética, capaz de dar ênfase ao diálogo, estimular os confrontos de opiniões e as contradições, de problematizar e trabalhar conflitos. Uma metodologia que possibilita desocultar valores e preconceitos, posturas e sabedorias, que muitas vezes permanecem camuflados e/ou subjacentes, em uma argumentação ou discussão.

Conseqüentemente procura ser um método de trabalho que leva em consideração o conhecimento, as experiências, a cultura e a riqueza

dos participantes, e que parte de suas expectativas, anseios e carências. Uma *metodologia participativa*.

Complementada com outras atividades, a discussão das práticas (ações) em pequenos grupos é o instrumento mais usado por esta metodologia.

Em uma relação face a face, onde todos são valorizados e individualizados, diferentes atitudes e habilidades são desenvolvidas: saber ver e escutar, acatar e respeitar diferentes percepções da realidade, aceitar as peculiaridades individuais, humildade, enfrentamento positivo e não ocultamento de conflitos e tantas outras que oportunizarão a complementaridade e o

aprofundamento do saber bem como o desenvolvimento pessoal e coletivo.

Evidentemente, nesta metodologia não existe o dono da verdade, o doutor-sabe-tudo, o que não tem pecados, o que vive de maneira "regular". "Quanto a vocês, nunca se deixem chamar de mestre, pois

Esta metodologia não é um trabalho anárquico

Por outro lado, esta metodologia não é um trabalho anárquico ou desprovido de objetivos como pode parecer aos menos avisados. Procura ser um processo que se constrói de forma não muito rápida, utilizando-se dos instrumentos oferecidos pelas ciências sociais, pedagógicas, psicológicas e outros ramos do conhecimento humano, que tem uma intencionalidade: o projeto libertador de Jesus Cristo, a construção do Reino de Deus, Reino de Justiça, que se poderá traduzir, sem esgotar-se nisso, na humanização do homem e de todos os homens. O anúncio de Jesus - presença do texto evangélico - se faz luz, fonte e utopia para as práticas e vivências de todos os grupos.

A construção do Reino passa especialmente pela construção de novas relações, mais justas e fraternas, igualitárias, libertadoras, colegiadas, que deveriam ser vividas em todos os nossos

somente um é o Mestre de vocês e todos vocês são irmãos" (Mt 23,8).

Todos aprendem uns com os outros, pois sempre têm o que dar e o que receber. E, sobretudo, acreditam que é Cristo quem vive em cada um e quem se comunica através deles.

espaços, em um clima de liberdade: família, trabalho, sociedade, MFC, paróquia, Igreja, grupos.

Finalmente, podemos afirmar que a experiência da construção coletiva grupal parece ser muito mais eficaz, questiona mais e transforma mais as práticas e relações dos participantes, já que é um processo dinâmico que consiste em partir da prática, analisar em base à teoria, renovar e mudar a prática, ampliar e criar teoria e análise, e assim sucessivamente. Permite maior envolvimento de todos no processo, já que parte dos interesses do grupo.

Nessa dinâmica, todos os participantes são protagonistas, são sujeitos de sua educação, sujeitos de Pastoral e filhos de Deus. E sendo filhos de Deus, contam com sua Graça.

*MFC da Bahia

** MFC de Porto Alegre

"Dai-nos forças, Senhor, para aceitar com serenidade tudo o que não possa ser mudado. Dai-nos coragem para mudar o que pode e deve ser mudado. E dai-nos sabedoria para distinguir uma coisa da outra." (A. Hart).

TV / escola & família

Numa primeira aproximação, temos a impressão que a TV, suas novelas, seus programas de ficção e até alguns que abordam o cotidiano trabalham mais com os elementos da realidade que a escola e por isso estariam muito à frente dela. Mas, talvez, os vidros desta *janela para o mundo*, como costumamos chamar a TV, distorçam o que nos permitem ver, perturbem nossas percepções e interfiram no exercício de nossa inteligência.

Todavia, por apresentarem parte de problemas reais, muitas das programações da TV podem ser objeto de reflexão e discussão

Margot Bertoluci Ott*
Vera Regina Pires Moraes*

conscientizadora. Isto porém não é seu propósito. Pela força das palavras, aumentada pela força das imagens e técnicas específicas, a TV, em geral, nos arranca de nosso dia a dia, nos anestesia, fazendo-nos submergir num mundo que não é nosso e que, para muitos, se torna mais importante que qualquer outro. Ocupa nosso tempo, nossas conversas, nosso pensamento, como se seus personagens fizessem parte de nosso círculo de convivência, do real de nossas vidas.

Isto é facilitado pelo fato de a televisão mesclar elementos de realidade e ficção, criar situações artificiais com personagens reais, incorporar em seus personagens características capazes de serem reconhecidas pelo espectador, em si mesmo e nos que o rodeiam.

É graças a esta intimidade estabelecida que os novos valores e modelos apresentados são, tantas vezes, silenciosamente, aceitos por muitos de nós, especialmente pelas crianças e jovens.

A TV, de modo geral, juntamente com tantos outros meios, busca o sensacionalismo, dá relevância ao momentâneo e permissão ao caos, colaborando para a descentralização do eu, para o aniquilamento da interioridade da pessoa.

Em decorrência, o social e o cultural se empobrecem. O coletivo degrada-se. E os efeitos se propagam em todos os sentidos, pois, a fragmentação cultural provoca uma ampla fragmentação: da sensibilidade, dos estilos de vida, dos projetos políticos e da própria vida das pessoas. A vida se transforma numa coleção de acontecimentos descontínuos.

A glorificação incondicional do novo, da substituição continuada de estímulos, a supervalorização do econômico, arrasta à cultura do isolacionismo individual e grupal, e à exaltação do consumo.

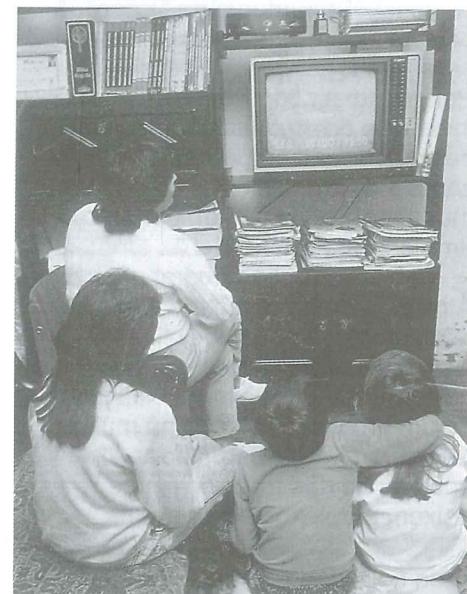
A sedução pelo momentâneo, pelos efeitos especiais, por emoções cada vez mais fortes, por estímulos inusuais, que fazem de cada momento um novo "boom", é uma armadilha para a perda da própria história, pessoal e coletiva. Isso leva, também, à perda da perspectiva do passado e do futuro e consequente dissipação da identidade, com criação de um eu difuso, de uma subjetividade esvaziada.

O aniquilamento do eu facilita a supervalorização do ter por parte da mídia, a homogeneização dos desejos consumistas. O sujeito se submete. Tudo vira objeto. Cultua-se o superficial e com isto perde-se a "paixão moral", a religiosidade e a cultura espiritual. O tecido social começa a se desfazer para assumir uma textura diferente.

A política e a educação, responsáveis até então pelo desenvolvimento da ética social, são diretamente influenciadas e uma nova configuração social começa a se delinear.

*Professora universitária. Doutora em Educação.

❖ Diante de tudo isso o que a família e a escola poderão fazer?



Conflito de gerações

Conflito: briga, luta, disputa, antagonismo.
Geração: descendência, conjunto de pessoas que nasceram mais ou menos na mesma época.

Maria Regina Sana*

A expressão "conflito de gerações" nos remete a idéia de processo evolutivo, ou seja, fenômenos sucessivos e interligados, num movimento progressivo. Vida é conflito e não há como evitar-se conflitos no convívio humano.

Conflito também pressupõe a idéia de "tensão" e portanto de "crise". A palavra "crise" é formada por dois caracteres: perigo e oportunidade. Perigo, no sentido de uma involução destrutiva ou desestruturante; oportunidade, no sentido de crescimento, de mudança. Toda crise é, portanto, uma espécie de "portal".

A história da humanidade é longa, não linear, feita de sucessivas rupturas. Assim, as rupturas que hoje assistimos são a culminação de um processo iniciado há muito tempo, embora a vertiginosa aceleração das mudanças nos deixem perplexos e temerosos.

Toda sociedade humana procura acondicionar o modelo de família às suas necessidades, e freqüentemente vemos o termo

"decadência" empregado para estigmatizar mudanças as quais não assimilamos ou com as quais não concordamos.

Família e relações de poder

O núcleo de todas as transformações sofridas pela família contemporânea, em consonância com o processo evolutivo da sociedade, constitui-se na relação de poder entre os seus membros.

Encontramos hoje rupturas em todas as formas de legado, seja ele econômico, social, cultural ou mesmo simbólico. Muito pouco transmitimos hoje aos nossos filhos: nem fortuna, nem saberes, nem crenças, nem profissão.

Do domínio do homem sobre a mulher passamos ao jugo dos pais sobre os filhos, cuja feição contemporânea aparece, então, sob forma de "conflito de gerações".

A desigualdade de saberes passou a ser ascendente. Como pais, perdemos muito de nosso papel de iniciadores do saber de que nossos filhos precisam, o que traz naturalmente uma profunda alteração no relacionamento com eles.

A luta de poder entre as gerações na sociedade competitiva de nossos dias é marcada por sentimentos recíprocos de inveja: invejamos nos filhos o seu vigor físico e suas possibilidades de usufruir, cada vez mais, das benesses do progresso tecnológico; os filhos, em contrapartida, invejam em nós, pais, o poder econômico que nos permite "monitorar" seu destino.

Mas a luta de poder no seio da família não sempre existiu? O que pensar dos filicídios e parricídios ao longo da história? Sim, existiram, porém assumindo diferentes feições de acordo com o momento histórico da humanidade.

De uma hierarquia rígida, autoritária e restritiva, passamos, em pouco tempo, a uma decadência da autoridade e a pouca discriminação entre as gerações. Temos hoje "adolescentes com direitos de adultos e responsabilidades de bebês", e "pais com medo de dizer "não" e escravos do "sim".

Necessidade de marco referencial

O que pretendo afirmar é que a luta geracional de hoje parece ter assumido um caráter equivocado. Todos nós, pais e filhos, perdemos um marco referencial, um paradigma norteador. Nesse sentido, há uma necessidade premente de recuperar valores perdidos, pois a sociedade em que vivemos é perigosamente frustrada.

Penso que estamos criando indivíduos solitários, egocêntricos, carentes de padrões, capacitados para o consumo e incapacitados para julgar. É imprescindível a redescoberta da ética e a construção de um novo paradigma que contemple o espírito humano, ou seja, autonomia com responsabilidade pelos próprios atos, noção de limites e o reconhecimento do outro, das suas diferenças e da sua identidade.

Se o conflito entre gerações é inerente ao desenvolvimento da sociedade humana, que ele seja um exercício enriquecedor, permeado por laços de afeto, amor e respeito mútuos, um portal para um milênio mais feliz.

*Psicóloga - Terapeuta de Casal e Família - mrsana@zipmail.com.br

Frases do Barão:
O mal não está na falta de persistência mas na persistência da falta". (Barão de Itararé, humorista)

Na Missa, depois da homilia. Colocar o nome da criança que está sendo batizada nos espaços indicados _____.

CELEBRAÇÃO DO BATISMO

Comentarista: Convidamos toda a comunidade a participar, com o Pe. _____, do batizado de _____

Celebrante: _____ vem irmanar-se a nós, como já aconteceu com (*nomes das crianças que já batizamos em datas recentes*) batizados há algum tempo.

Leitor 1: Sabemos que o jejum que o profeta Isaías prega e o sacrifício que agrada a Deus é a **PARTILHA**. O batizado está ocorrendo durante a Ceia Eucarística. A Eucaristia é o **SACRAMENTO DA PARTILHA**. Partilha do pão, do vinho, do afeto, da **ÁGUA**. Água, que é um elemento essencial à vida.

Leitor 2: O Brasil é o primeiro colocado na quantidade de água utilizável. Para poder partilhar água, não podemos desperdiçá-la.

Leitor 3: O esbanjamento começa no banho matinal dos que exageram no chuveiro, estende-se pela lavagem do carro, adentra pela limpeza da calçada, pela água que corre solta na pia da cozinha, no ato de escovar os dentes, nos canos furados das ruas da cidade,...

Todos: Custamos a acreditar que é

da família, da comunidade e do poder público, nessa ordem, que dependem a preservação e a economia desse líquido preciosíssimo.

Leitor 4: Desperdiçar água e/ou contaminá-la, é um dos nossos pecados sociais. Talvez tenhamos esquecido que educar as crianças e a nós mesmos para a defesa da água, também é educação religiosa, educação da consciência cristã. Também é batizar-se, é optar por humanizar. A problemática ecológica é, em si mesma, uma questão central de espiritualidade.

Leitor 5: De fome, todos sabemos que há crianças que morrem. E de sede? Vocês sabiam que há crianças, no sertão de Alagoas, por exemplo, que **morrem de sede**? - Crianças tão dignas como _____

Todos: Senhor, firmamos compromisso pela conservação da água, neste dia especial de batizado. Lutaremos pela democratização da água: na família, na escola, no ambiente de trabalho e no espaço público onde se desenrolam os movimentos sociais, dando especial atenção à arte, aos meios de comunicação e aos instrumentos de luta política.

Comentarista: No batismo, a água foi derramada sobre nossas cabeças como um *sinal de purificação*, marcando nosso momento de *adesão a Jesus Cristo*.

Leitor 6: Nessa tarde (manhã) de muita amizade, juntos e com água batizaremos _____. Queremos

que _____, seus pais, padrinhos, familiares e todos nós, sejamos verdadeiros seguidores de Jesus Cristo. Com _____ vamos renovar nossa adesão a Jesus. Adesão à prática da justiça e do amor.

Todos: Essa água nos limpe e marque o pacto que fazemos agora: trabalharemos juntos na luta pela construção do Reino, no anúncio de Cristo, na educação desta criança e de todas as outras crianças. Formaremos uma rede de grupos, de equipes-base, trabalhando para que ninguém mais morra de sede e para que todos tenham sempre a água da vida...

Comentarista: Em sinal de fraternidade e de compromisso comunitário, vamos até à mesa onde estão os copinhos com água, vamos tomar um deles, e, em procissão, cantando, vamos depositar a água na jarra, junto ao altar. Com essa água - a água de todos - o padre e nós - a comunidade - batizaremos

(Caminhando: buscar a água e vertê-la na jarra).

Canto.
O Celebrante utiliza esta água e procede ao batizado.

Antes da Comunhão:

Comentarista: Irmãos, irmãs, Jesus instituiu a Eucaristia para ser *partilhada* e comida. Ele "repartiu" o pão e o vinho e disse: "Fazei isso em memória de mim". Acreditamos que o ato de partilhar é Eucaristia.

Leitor 1: "Onde dois ou três estiverem reunidos em meu nome, estarei no meio deles". Estamos reunidos e é em nome d'Ele que vamos partilhar a Eucaristia, pedindo para que sejamos capazes de partilhar muito mais coisas: afeto, pão, receptividade, iniciativa, palavra, casa, perdão, alegria, abraços, beijos, dinheiro,...

Todos: Assim seja! Senhor, acreditamos que nossos desafetos, maledicências e omissões já não existem, porque acabamos de receber teu perdão. Obrigado, Deus PAI-MÃE, Deus bom e misericordioso. Estamos prontos para a partilha, para o AMOR, para a COMUNHÃO.

Canto.
Depois da Comunhão

Leitor 2 : Nós, como Comunidade, nos tornamos responsáveis pela formação religiosa das crianças que levamos ao Batismo. Aqueles que são batizados passam a fazer parte de um grupo de pessoas que afirmam:

Todos: "Jesus é o Cristo. É Ele o Salvador. O Filho de Deus Vivo".

Leitor 3 : Esse grupo se compromete a seguir Jesus, isto é, se compromete a comportar-se com as pessoas, do mesmo modo que Jesus se comportou com aqueles com quem conviveu. É isto que significa ser batizado.

Celebrante: Vamos em paz. O Senhor abençõe _____ e a todos que hoje o/a acolhemos. Amém.

Fico irritado quando ligo o telefone e sou atendido por uma gravação de voz feminina impessoal que me manda apertar uma tecla para cada coisa que eu devo perguntar. Outra gravação vai me responder ao que não perguntei, porque ela só tem respostas para o que ela quer que eu pergunte... e não aceita o diálogo

"Uma informação, por favor"

Quando eu era criança, meu pai comprou o primeiro telefone da nossa vizinhança. Eu ainda me lembro daquele aparelho preto e brilhante que ficava na cômoda da sala. Eu era muito pequeno para alcançar o telefone, mas ficava ouvindo fascinado enquanto minha mãe falava com alguém.

Então, um dia eu descobri que dentro daquele objeto maravilhoso morava uma pessoa legal. O nome dela era "Uma informação, por favor" e não havia nada que ela não soubesse. "Uma informação, por favor" poderia fornecer qualquer número de telefone e até a hora certa.

Minha primeira experiência pessoal com esse gênio-na-garrafa veio num dia em que minha mãe estava fora, na casa de um vizinho. Eu estava na garagem mexendo na caixa de ferramentas quando bati em meu dedo com um martelo. A dor era terrível mas não havia motivo para chorar, uma vez que não tinha ninguém em casa para me oferecer a sua simpatia.

Eu andava pela casa, chupando o dedo dolorido até que pensei: O telefone! Rapidamente fui ate o porão, peguei uma pequena escada que coloquei em frente a cômoda da sala. Subi na escada, tirei o fone do gancho e segurei contra o ouvido.

Alguém atendeu e eu disse:
- "Uma informação, por favor".
Ouvi uns dois ou três cliques e uma voz suave e nítida falou em meu ouvido.
- "Informações."
- "Eu machuquei meu dedo...",
disse, e as lágrimas vieram facilmente, agora que eu tinha audiência.
- "A sua mãe não está em casa?",
ela perguntou.
- "Não tem ninguém aqui...", eu soluçava.
- "Está sangrando?"
- "Não", respondi. - "Eu machuquei o dedo com o martelo, mas tá doendo..."

- "Você consegue abrir o congelador?", ela perguntou.
Eu respondi que sim.

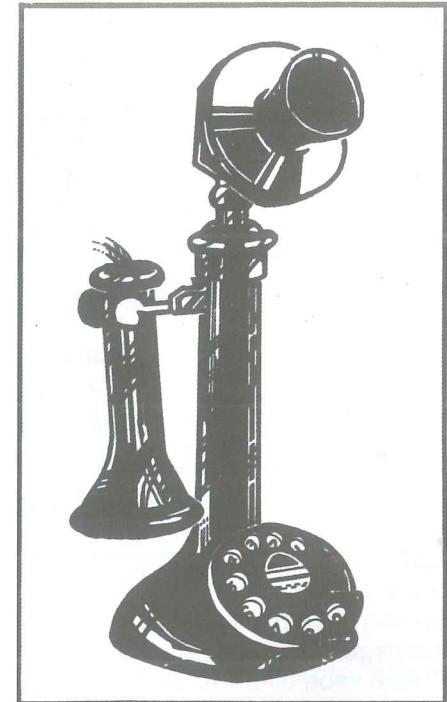
- "Então pegue um cubo de gelo e passe no seu dedo", disse a voz.

Depois daquele dia, eu ligava para "Uma informação, por favor" por qualquer motivo. Ela me ajudou com as minhas dúvidas de geografia e me ensinou onde ficava a Montes Claros. Ela me ajudou com os exercícios de matemática. Ela ensinou que o pequeno esquilo que eu trouxe do bosque deveria comer nozes e frutinhas.

Então, um dia, Pitoco, meu canário, morreu. Eu liguei para "Uma informação, por favor" e contei o ocorrido. Ela escutou e começou a falar aquelas coisas que se dizem para uma criança que está crescendo.

Mas eu estava inconsolável. Eu perguntava:
- "Por que é que os passarinhos cantam tão lindamente e trazem tanta alegria pra gente para, no fim, acabar como um monte de penas no fundo de uma gaiola?"
Ela deve ter compreendido a minha preocupação, porque acrescentou mansamente:

- "Paulo, sempre lembre que existem outros mundos onde a gente pode cantar também..."
De alguma maneira, depois disso eu me senti melhor. No outro dia, lá estava eu de novo.
- "Informações.", disse a voz já tão familiar.
- "Você sabe como se escreve 'exceção'?"



Tudo isso aconteceu na minha cidade natal, no norte. Quando eu tinha 9 anos, nós nos mudamos para São Paulo. Eu sentia muita falta da minha amiga. "Uma informação, por favor" pertencia àquele velho aparelho telefônico preto e eu não sentia nenhuma atração pelo nosso novo aparelho branquinho que ficava na cômoda na nova sala.

Conforme eu crescia, as lembranças daquelas conversas infantis nunca saiam da minha memória. Freqüentemente, em momentos de dúvida ou perplexidade, eu tentava recuperar o sentimento calmo de segurança que eu tinha naquele tempo. Hoje eu entendo como ela era paciente, compreensiva e gentil.

ao perder tempo atendendo as ligações de um menininho.

Alguns anos depois, quando estava indo para a faculdade, meu avião fez uma escala na minha cidade. Eu teria mais ou menos meia hora entre os dois vôos. Falei ao telefone com minha irmã, que morava lá, por 15 minutos.

Então, sem nem mesmo sentir que estava fazendo isso, disquei o número da operadora daquela minha cidade natal e pedi:
- "Uma informação, por favor." Como num milagre, eu ouvi a mesma voz doce e clara que conhecia tão bem, dizendo: - "Informações."

Eu não tinha planejado isso, mas me peguei perguntando:
- "Você sabe como se escreve 'exceção'?"

Houve uma longa pausa. Então, veio uma resposta suave:
- "Eu acho que o seu dedo já melhorou, Paulo."

Eu ri.
"Então, é você mesmo!", eu disse.
"Você não imagina como era importante para mim naquele tempo."

- "Eu imagino", ela disse. - "E você não sabe o quanto significavam para mim aquelas ligações. Eu não tenho filhos e ficava esperando todos os dias que você ligasse."

Eu contei para ela o quanto pensei nela todos esses anos e perguntei

se poderia visitá-la quando fosse encontrar a minha irmã.
- "É claro!", ela respondeu.
- "Venha até aqui e chame a Sabrina."

Três meses depois eu fui visitar minha irmã. Quando liguei, uma voz diferente respondeu:
- "Informações."

Eu pedi para chamar a Sabrina.
- "Você é amigo dela?", a voz perguntou.
- "Sou, um velho amigo. O meu nome é Paulo."
- "Eu sinto muito, mas a Sabrina estava trabalhando aqui apenas meio período porque estava doente. Infelizmente, ela morreu há cinco semanas."

Antes que eu pudesse desligar, a voz perguntou:
- "Espere um pouco. Você disse que o seu nome é Paulo?"
- "Sim."
- "A Sabrina deixou uma mensagem para você. Ela escreveu e pediu para eu guardar caso você ligasse. Eu vou ler pra você."

A mensagem dizia:
"Diga a ele que eu ainda acredito que existem outros mundos onde a gente pode cantar também. Ele vai entender."

Eu agradeci e desliguei. Eu entendi...

"Nós nos transformamos naquilo que praticamos com freqüência. A perfeição, portanto, não é um ato isolado. É um hábito". (Aristóteles)



MOVIMENTO FAMILIAR CRISTÃO

EDITORIA & PUBLICAÇÕES

Tome nota - novos endereços

Assinaturas e Expedição de Fato e Razão - Atendimento aos assinantes, assinaturas novas e renovações, números anteriores

Distribuidora Fato e Razão

Pedro e Celina Garcia - Coordenadores
Rua São João, 25 Sobre-Loja - CEP 24020-040 Niterói - RJ
Tel/Fax: (21) 2629-7163 - E-mail: fatorazao@primyl.com.br

Endereço de Livros, Revistas e Temários do MFC, pedidos e encomendas para remessa postal

Livraria do MFC

Rua Barão de Santa Helena, 68 Granbery
CEP 36010-520 Juiz de Fora - MG
Tel.: (32) 3214-2952 - E-mail: livraria.mfc@acessa.com

Campanhas de Assinaturas - Postos MFC de Revendas

Agência MFC de Promoção de Vendas

Sede MFC - Rua Goiás, 132 - CEP 20756-120 Rio de Janeiro - RJ
Fax (21) 2224-2693

Colaborações e cartas de leitores

Equipe de Redação de Fato e Razão

Helio e Selma Amorim
R. Des. Saul Gusmão 80 - VIII - CEP 22641-280 Rio de Janeiro - RJ
E-mail: amorim@ibpinet.com.br